

Léxico familiar redentorista da PJVR

Os verbetes que compõem este “Léxico familiar redentorista de PJVR” nasceram de uma intuição do Secretariado Geral da PJVR.

Este Léxico se destina tanto aos animadores (sacerdotes e leigos) como aos jovens que cultivam a espiritualidade redentorista.

O conteúdo não pretende ser exaustivo ou definitivo, quanto aos temas tratados, mas quer esboçar, sinteticamente, algumas palavras mais usadas na linguagem dos sacerdotes e dos animadores que trabalham com os jovens.

Os verbetes são caracterizados pela sua brevidade e objetividade. Não entram em análises de cunho mais “clerical”, mas querem trocar em miúdos os conceitos do mundo redentorista.

Na sua elaboração, os autores procuraram seguir três critérios: facilidade de linguagem; a espiritualidade e a história da nossa família religiosa.

Em certo sentido, este trabalho é um campo aberto, porque faltam muitos vocábulos típicos da nossa história e tradição.

Por conseguinte, pode-se considerar este trabalho como uma primeira experiência (a ser completada e aprimorada nos próximos anos) para criar uma base comum. Poderíamos considerar o esforço feito por este léxico como uma espécie de enciclopédia *wikipédia* onde todos aqueles que a utilizarão poderão acrescentar novos verbetes e melhorar os já existentes.

Roma, 12 de março de 2008

Afonso V. Amarante – Antonio Donato

Abandonados e pobres

A evangelização dos abandonados e dos pobres constitui a razão de ser dos Redentoristas. Com efeito, a finalidade da Congregação, como recordam as *Constituições* desde o início, é «continuar o exemplo de Jesus Cristo Salvador, pregando aos pobres a Palavra de Deus, como disse Ele de si mesmo: *Enviou-me para evangelizar os pobres*» (*Constituições*, n. 1).

A espiritualidade, a vida fraterna e as próprias estruturas dos Redentoristas querem ser expressão das «inequívocas palavras do Evangelho» que indicam nos pobres uma «presença especial» de Cristo e exigem por isso dos fiéis «uma opção preferencial por eles». Procuram assim testemunhar «o estilo do amor de Deus, a sua providência, a sua misericórdia» (cf. *Novo millennio ineunte*, n. 49).

«Quem é chamado à Congregação do Santíssimo Redentor – escrevia Santo Afonso aos jovens Redentoristas – nunca será um verdadeiro seguidor de Jesus Cristo nem jamais se tornará santo, se não cumprir a finalidade da sua vocação e não tiver o espírito do Instituto que é de salvar as almas, e as almas mais carentes de auxílios espirituais, como são os pobres que vivem na zona rural» (*Opere*, vol. IV, Torino 1847, 429-430).

A caminhada de fundador percorrida por Afonso constitui para todos os Redentoristas um ponto de referência fundamental. Deixada a carreira de advogado, fez do anúncio do Evangelho a razão da sua vida, dedicando-se ao serviço dos pobres e encarnando-se entre os abandonados do seu tempo. Tornou-se assim, junto com os primeiros companheiros, comunidade evangelizadora entre eles e para eles.

É este o caminho que os Redentoristas são chamados a percorrer incessantemente: através de uma leitura evangélica da realidade social e eclesial, esforçam-se por discernir as situações e os contextos de pobreza e de abandono para evangelizá-los com prontidão confiante. Disto se segue que o seu apostolado é «caracterizado mais pelo dinamismo missionário, isto é, pela evangelização propriamente dita e pelo serviço aos homens e aos grupos mais abandonados e pobres, em relação à Igreja e às condições humanas, do que por certas formas de atividade» (*Constituições*, n. 14).

Trata-se de situações objetivas de pobreza e de abandono devidas a fatores sociais e eclesiais que os Redentoristas se comprometem a denunciar com franqueza: «O mandato conferido à Congregação de evangelizar os pobres visa a libertação e a salvação da pessoa humana toda. Os membros da Congregação têm como incumbência o anúncio explícito do Evangelho e a soli-

dariedade com os pobres, a promoção de seus direitos fundamentais na justiça e na liberdade, com o emprego dos meios que sejam, ao mesmo tempo, conformes ao Evangelho e eficazes.» (*Constituições*, n. 5).

A ênfase é posta sempre sobre a necessidade de Evangelho. Pois os Redentoristas se sentem enviados de modo especial aos «que a Igreja não pôde ainda prover de meios suficientes de salvação; os que nunca ouviram o anúncio da Igreja ou, pelo menos, não o recebem como “Evangelho”; ou, finalmente, os que são prejudicados pela divisão da Igreja» (n. 3). Por isso os Redentoristas situam-se na Igreja como presença e estímulo para que ela seja sempre mais fiel ao mandato missionário (cf. *Mt* 28,18-20).

Sabatino Majorano

Afonso Maria de Ligório

Afonso Maria de Ligório nasceu em Marianella, bairro de Nápoles, no dia 27 de setembro de 1696. Primogênito de uma família de aristocratas napolitanos, cursou em casa os estudos literários e científicos.

Encaminhado precocemente à carreira forense, aos 16 anos tornou-se doutor em direito civil e eclesiástico, e aos 20 anos se impôs como brilhante advogado no fórum napolitano.

A reviravolta em sua vida aconteceu em 1723 quando a perda de uma importante causa o levou a deixar os Tribunais para se tornar sacerdote. Ordenado no dia 21 de dezembro de 1726, empreendeu logo um intenso apostolado nos bairros pobres de Nápoles, com pivetes e mendigos, privilegiando particularmente, com as Capelas do Entardecer, a catequese e a formação moral das pessoas mais simples. Como membro das Apostólicas Missões, dedicou-se também à pregação nas outras cidades do Reino de Nápoles.

A saúde fortemente comprometida pelas fadigas apostólicas levou-o, para repouso, a Santa Maria dos Montes, no planalto acima de Amalfi, onde entrou em contato com os pobres lavradores e cabreiros desprovidos de qualquer assistência espiritual. Esta experiência fez nascer no coração apostólico de Afonso o desejo de fundar um Instituto dedicado exclusivamente à evangelização dos pobres, espalhados pelos campos e nos povoados rurais.

No dia 9 de novembro de 1732, nasceu em Scala (Província de Salerno) a Congregação do Santíssimo Redentor. Com os primeiros companheiros Afonso percorreu diversos lugares, empregando seus talentos humanos e espirituais para a conversão dos pecadores; a oração e a pregação constituíram os pilares da sua atividade missionária. Aonde não chegava com a palavra, procurava chegar com os escritos. As suas 111 obras atingiram um número extraordinário de edições. As mais importantes são: *Teologia Moral*, *O grande meio da oração*, *As máximas eternas*, *As glórias de Maria*, *A prática do amor a Jesus Cristo*.

Em 1762 foi nomeado bispo de Santa Ágata dos Godos, e também neste serviço Afonso transmitiu todo o seu ardor missionário, trabalhando sobretudo na formação do clero. Em 1775 deixou a diocese e retirou-se a Pagani, onde morreu no dia 1 de agosto de 1787, aos 91 anos de idade.

Foi canonizado por Gregório XVI no dia 26 de maio de 1839. Em 23 de março de 1871 Pio IX declarou-o Doutor da Igreja, e a 26 de abril de 1950 Pio XII o proclamou Patrono dos confessores e dos moralistas.

Animador

Responsável pela PJVR numa comunidade local ou num grupo de jovens. É uma pessoa que responde ao chamado de Deus anunciando o Evangelho aos jovens, empenhando-se ativamente como representante da pastoral da juventude. Obviamente, é um cristão que já completou a sua Iniciação Cristã. Depois de ter recebido o dom do Espírito Santo para a missão e o testemunho, escolhe o ministério da Pastoral da Juventude como canal de aprofundamento da fé e de construção do Reino de Deus. É uma escolha pessoal que enriquece a vida comunitária e eclesial. Porém, ao mesmo tempo, é um envio e uma missão que recebe da Igreja, através dos responsáveis da comunidade. A comunidade redentorista apóia o seu trabalho pastoral, depois de haver verificado a sua idoneidade e depois de lhe ter confiado esse encargo pastoral bem específico.

A missão é a de evangelizar, que anuncia e oferece a revelação de Deus aos jovens, através do amor e da dedicação de Cristo, o amor e a dedicação aos jovens. O Animador é alguém entusiasta da própria vocação para a missão, apaixonado pela pessoa de Jesus Cristo e pelo seu rosto refletido nos jovens, enviado a evangelizar os pobres e abandonados, inculturado no mundo e na linguagem dos jovens, dotado da capacidade de caminhar ao lado deles, preocupado pela formação e conversão deles, inserido na comunidade eclesial, aberto ao futuro com esperança. Esse encargo é confiado, antes de tudo, aos próprios jovens e, ademais, é apoiado também pelos adultos, leigos, religiosos e sacerdotes [Redentoristas], que os ajudam a realizá-lo.

A adequada formação e capacidade do Animador é responsabilidade tanto da própria pessoa chamada a este ministério quanto da comunidade redentorista, que deve cuidar a fim de que a figura do Animador possua recursos, conhecimentos e habilidade necessários para a missão. Além disso, é imprescindível que seja uma pessoa em sintonia com os jovens e com todos os “jovens”. Existem constantes – próprias da juventude – que todos os Animadores devem conhecer, a fim de que o anúncio de Jesus Cristo seja somente fecunda na vida dos jovens que encontra: o valor do amor, a questão do sentido da vida, a força atrativa dos projetos. Reconhecer nos jovens esses valores e formá-los para essas constantes, significa permitir que a paixão que sente pela vida não se limite a um ideal vazio; significa ajudar o jovem a realizar plenamente a sua existência e a encontrar o seu lugar na Igreja e na sociedade. Com outras palavras, significa ajudá-lo a descobrir e a viver a sua vocação. Identificado com Santo Afonso como modelo evangelizador, o Animador assume com fidelidade criativa o desafio de encontrar os meios oportunos a fim de que os jovens se encontrem com o Redentor Ressuscitado. Seguindo a tradição redentorista, exerce a sua missão com sim-

plicidade e beleza, convencido de que os jovens são abandonados em muitos âmbitos eclesiais.

A missão do Animador *exige que seja exercida com espírito de comunhão, criando vínculos de fraternidade com as outras vocações e com os outros animadores, participando de organismos comunitários (centros de Pastoral da Juventude e/ou Vocacional)*. O seu trabalho pastoral, portanto, não se limita à própria comunidade de origem ou de inserção, já que, ao mesmo tempo, faz parte da PJVR (vice-)provincial, regional e geral. Neste sentido, o Animador desempenha o seu ofício também na missão popular (paroquial) redentorista, na Missão Jovem e em outros projetos semelhantes que podem surgir nas diversas regiões da Congregação.

Laureano Del Otero

Basílio Velykovskyj

Bispo da Igreja greco-católica ucraniana «clandestina», nasceu no dia 1º de junho de 1903 em Stanislaviv (Ivano-Frankivsk).

Tendo entrado no seminário de Lviv em 1920, depois do diaconato foi admitido na Congregação do Ss. Redentor. Ordenado sacerdote a 9 de outubro de 1925, dedicou-se por mais de vinte anos às missões entre o povo simples das aldeias e cidades também fora da Ucrânia Ocidental.

No dia 11 de abril de 1945 foi preso junto com a hierarquia greco-católica. Condenado inicialmente ao fuzilamento, a pena lhe foi depois comutada em dez anos de prisão.

Libertado em 1955, voltou a Lviv, onde exerceu clandestinamente a atividade pastoral. Nomeado Bispo em 1959, só pôde ser consagrado em 1963, em Moscou, num quarto de hotel. No dia 2 de janeiro de 1969 foi preso novamente e condenado a três anos de reclusão, mas foi solto poucos meses depois porque sofria do coração.

A 27 de janeiro de 1972 as autoridades soviéticas não lhe permitiram voltar a Lviv, mas o convidaram a ir para a casa de sua irmã na Iugoslávia. Depois de uma breve estadia nesse país, voltou a Roma, onde foi recebido por Paulo VI (8 de abril de 1972). A 15 de junho de 1972 foi para Winipeg no Canadá, onde morreu no dia 30 de junho de 1973 em consequência de uma substância venenosa de lento efeito que lhe fora ministrada antes da sua partida para a Iugoslávia.

Missal redentorista

Canto

O termo “canto” é usado em todas as culturas com características próprias. Ele é constituído, na cultura musical moderna, da *melodia e do ritmo*. Estes dois componentes o diversificam de uma cultura à outra. Do ponto de vista histórico, o canto se manifestou primeiro como expressão sagrada ligada ao culto (egípcios, mesopotâmicos, hebreus, gregos, cristãos) depois como expressão profana (canto popular, lírico, liederístico, jazz, pop, etc.).

Sob o aspecto vocal e técnico – ao menos nas culturas ocidentais – ele é sempre baseado no apoio diafragmático, que constitui sua posição mais natural.

Sob o aspecto da emissão, só o canto lírico e o liederístico utilizam o registro de cabeça. Os outros tipos utilizam de preferência o registro de garganta ou de peito.

A peculiaridade de cada voz, seja humana, seja de instrumento, é *chamada timbre, a extensão altura, a espessura intensidade*.

O canto é útil a todos, nem todos, porém, sabem empregar o aparelho fônico para cantar corretamente. A incapacidade de entoar de maneira correta é designada com o termo *desafinação*. Contrariamente ao que se pensa, o desafinado pode ser facilmente educado a uma reta entoação. As mais das vezes, a causa de tal incapacidade não é de ordem fisiológica, mas psicológica. Ajudar alguém a superar a dificuldade da entoação, significa quase sempre ajudá-lo a crer mais em si mesmo.

Para cantar bem não é indispensável o conhecimento da música. O canto é um fenômeno espontâneo como o falar, mas pode ser melhorado com o estudo. É possível cantar bem, seja conhecendo a música, seja ignorando-a.

O canto sacro hoje pode ser considerado também litúrgico porque o Concílio Vaticano II (*Sacrosanctum Concilium*) na prática identificou suas funções. Anteriormente, havia diferença entre canto litúrgico (utilizado exclusivamente no âmbito da liturgia e as mais das vezes com textos tirados da Liturgia) e canto sacro, de uso sobretudo extra-litúrgico.

Referindo esses conceitos fundamentais ao canto redentorista, poder-se-ia afirmar que este – ao menos o alfonsiano ou dele derivado diretamente – é rico de *melodia*; é sóbrio no ritmo que nunca é excessivamente marcado ou vivamente popular; é de limitada extensão (pouco mais da oitava); é moderado na dinâmica ou intensidade; se presta igualmente bem tanto a uma vocalidade delicadamente lírica como à elegantemente popular; é adaptado a todos os timbres vocais; é de fácil entoação; se presta bem a uma exe-

cução solística como também coral; é utilizável no contexto litúrgico e também no simplesmente sagrado; pode ser cantado sem acompanhamento e com instrumento musical. Esta maneira é preferível um pouco, pela comodidade da entoação e da sustentação, um pouco pela potencialidade polifônico-imitativa mais facilmente realizável no instrumento a mais vozes como o órgão, o harmônio ou o simples teclado.

Paolo Saturno

Carisma

O carisma (*tò chárisma*) é um dom gratuito do Espírito, um favor, um benefício para o bem comum, um serviço da caridade, uma escolha particular de vida que edifica a Igreja.

O apóstolo Paulo na Primeira *Carta aos Coríntios* (12, 4-7), falando do único corpo de Cristo, a Igreja, recorda toda uma variedade de carismas, idôneos ao seu desenvolvimento. “Sem dúvida, os dons são diferentes, mas o Espírito é o mesmo. Os serviços são diversos, mas o Senhor é o mesmo. As atividades são distintas, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.

A cada um é dada a manifestação do Espírito para a utilidade de todos”.

Hoje se fala também – e talvez impropriamente – de dialética “autoridade-liberdade”, “instituição-carisma”, dando à autoridade ou à instituição o significado de alguma coisa esclerosada, e ao carisma o sentido de liberdade.

Os carismas derivam de Cristo, devem refletir a Cristo, exprimir-se no seu estilo de serviço, ser vividos e exercidos nele, tender a ele, segui-lo, cooperar para a unidade do seu Corpo.

A estrutura orgânica da Igreja cresce, pois, através dos dons, serviços particulares, atividades pastorais, cargos e ofícios eclesiais de pessoas, em tempos diversos. Com efeito, Paulo, ao enumerar os carismas, deixa a “lista aberta”. Dá espaço a todos os dons, mesmo aos mais humildes, estáveis, ordinários.

A Igreja está e se sente na história, cujas mudanças e variações percebe. Do seu seio nascem, segundo as necessidades, grandes almas, gente corajosa, aberta aos impulsos para ir adiante, a fim de responder às exigências e aos apelos dos tempos.

Os santos são aquelas pessoas privilegiadas, nas quais o Espírito se exprime. A eles oferece o dom de uma particular sensibilidade, atenção a situações de necessidade e de intervenção para inspirar sopros de vitalidade nas estruturas da Igreja.

Acontece assim, no tempo e por obra do Espírito, uma multiplicação de carismas especiais, que tornam os fiéis “aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação da Igreja.” (*Lumen Gentium*, 12).

Vocações particulares, congregações e ordem religiosas surgiram, portanto, na Igreja, em vários tempos da história, para oferecer uma presença especí-

fica, capaz de testemunhar o Evangelho, as bem-aventuranças, a misericórdia redentora de Cristo na Igreja e no Mundo.

No século XVIII – marcado por correntes jansenistas, rigorismo moral, práticas místicas reservadas a poucos privilegiados, pouca abertura à benignidade e misericórdia de Deus Pai –, o Espírito Santo suscitou Afonso de Ligório (1696-1787), sensível ao povo, aos pobres, aos mais “destituídos de auxílios espirituais”, aos lázaros à espera de alguma migalha caída da mesa dos ricos.

Ele se sente investido de um mandato particular: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para evangelizar os pobres e para curar os corações feridos” (Lc 4, 18; Is 61, 1).

Seguindo Cristo Redentor, bom samaritano, passa a confortar toda pessoa pobre, doente no espírito, a curar as feridas com o óleo e o vinho da misericórdia, nos lugares mais difíceis e esquecidos. Funda em Scala (Província de Salerno) no dia 9 de novembro de 1732 a Congregação do Ss.mo Redentor, com o fim de evangelizar entre os mais abandonados e promover a justiça e a promoção humana, solidarizando-se com eles e defendendo seus direitos fundamentais. A opção pelos pobres é a razão de ser da Congregação na Igreja, o distintivo da sua fidelidade, o centro unificador da vida do Redentorista (cf. *Constituições e Estatutos da Congregação do Santíssimo Redentor*, Roma 1982, 5).

Este carisma apostólico alfonsiano (intuição original), núcleo catalisador da vida consagrada redentorista, passa através da profissão dos votos religiosos missionários, a observância das regras – expressão da vontade de Deus –, numa comunidade apostólica aberta e organizada, com os seus pontos essenciais: castidade, pobreza, obediência, perseverança, oração, desapego, amor a Cristo e a Nossa Senhora, evangelização dos pobres.

O carisma se concretiza numa comunidade que “continua” o Redentor e se torna centro dinâmico de acolhida e irradiação missionária. A missão de Cristo é a raiz profunda da vida missionária. A espiritualidade deve ser buscada no Evangelho e na voz viva da Igreja.

A fidelidade à própria identidade deve, porém, ser atualizada incessantemente em sintonia com a história, em diálogo com o mundo. As mudanças culturais requerem um serviço missionário com uma resposta pontual. Portanto, adesão ao espírito de Afonso e da tradição, mas também abertura e proposta profética. Trata-se de uma fidelidade dinâmica. Assim, os santos e beatos do Instituto, modelos semelhantes e diversos ao mesmo tempo, encarnaram, em situações particulares o carisma do Fundador.

Entre estes recordamos São Geraldo Majela (1726-1755), sempre ao lado das mães, das crianças e de todos os necessitados da misericórdia de Deus; São Clemente Maria Hofbauer (1751-1820), primeiro mensageiro dos Redentoristas fora da Itália, entre Varsóvia e Viena, próximo dos pobres, mas também entre os intelectuais; São João Nepomuceno Neuman (1811-1860), evangelizador dos imigrados nos Estados Unidos da América; beato Januário Sarnelli (1702-1744), missionário em Nápoles entre doentes, idosos e mulheres marginalizadas; beato Pedro Donders (1809-1887) apóstolo entre os leprosos de Batávia (Suriname); beato Gaspar Stanggassinger (1871-1899), animador e guia de jovens para Cristo.

Portanto, para quem se sente chamado, sempre no espírito alfonsiano, a um particular compromisso apostólico, existe o “carisma no carisma”: um modo pessoal, compartilhado com a comunidade, de viver o chamado. Quem bate, com a mente e o coração, à porta do Instituto redentorista, não entra no “passado”, em um ambiente envelhecido, fora do tempo e fora de moda, embora os Redentoristas tenham uma espiritualidade própria, historicamente configurada, que não se pode subestimar nem renegar.

O carisma deles não é algo de metafísico, impalpável. Ao contrário, está bem encarnado na vida de tantos santos, beatos e servos de Deus do Instituto. Aqui se encontram nobres tradições, métodos de oração, devoções sólidas, exemplos de vida ascética, estilos de vida que correspondem às expectativas, dignas de serem vividas e transmitidas aos outros.

Olhando para Cristo e para os pobres, o Redentorista sente-se revestido de caridade pastoral e ardor apostólico; abre-se à criatividade, à coragem (cf. *ibid.*, 14-16); é sustentado pela confiança, pela esperança e pelo amor (*ibid.*, 10), orientado para o anúncio também “ad gentes” (*ibid.*, 3). Trata-se de um zelo não fossilizado, mas aberto à atualização, à pesquisa teológico-pastoral.

É isto que o carisma alfonsiano oferece, e não é pouco. Os pobres do Evangelho são muitos, são numerosos, sempre à espera da Palavra e de gestos de misericórdia.

Afonso Amarante

Clemente Maria Hofbauer

Nascido em Tasswitz na Morávia (República Tcheca) no dia 26 de dezembro de 1751, Clemente Maria Hofbauer foi obrigado, desde muito jovem, em consequência da morte do pai, a trabalhar como aprendiz de padeiro. Tendo se tornado servo do abade premostratense em Klosterbruck (Znaim), pôde assim seguir o chamado ao sacerdócio, fazendo primeiro os estudos ginasiais e depois, em Viena, os de catequese, filosofia e teologia.

Neste período ia todo anos em peregrinação a Roma, onde tentou entrar em algum Instituto religioso.

De fato, no dia 24 de outubro de 1784, com o amigo Tadeu Hübl, foi recebido entre os Redentoristas e ordenado sacerdote em Alatri no dia 29 de março de 1785.

Depois de alguns meses de estudo na casa de Frosinone, atravessou de novo os Alpes, fundando em Varsóvia a primeira casa redentorista, à qual seguiram outras na Polônia, Curlândia, Alemanha, Suíça e Romênia, que ele dirigia na qualidade de Vigário geral da Congregação.

Em Varsóvia, onde morou de 1787 a 1808, exerceu, com a colaboração de jovens de várias nacionalidades, um eficacíssimo apostolado, promovendo obras benéficas e consolidando a piedade dos fiéis.

Obrigado a deixar Varsóvia por causa do avanço das tropas de Napoleão, pensou em partir para o Canadá, mas alguns eventos o levaram de volta a Viena, onde trabalhou até a morte.

Em 1813 foi nomeado reitor da igreja das Ursulinas e confessor das Irmãs. Desde então, com o carisma da direção espiritual, da pregação, da confissão e do exercício da caridade, converteu e assistiu pessoas de toda classe social. Com esta sua atividade influenciou o Congresso de Viena, a cultura do seu tempo e todo o movimento romântico.

Morreu em Viena no dia 15 de março de 1820. No dia 19 de abril o imperador admitiu a Congregação nos Estados austro-húngaros e justamente de Viena, graças a um dos primeiros companheiros de Clemente, o Pe. Passerat, a Congregação difundiu-se no Norte da Europa.

Foi canonizado por São Pio X no dia 20 de maio de 1909. Hoje é compatrono Viena e de Varsóvia.

Comunidade

A comunidade é para os Redentoristas exigência fundamental do seu apostolado e irrenunciável condição de vida. As *Constituições* a apresentam como sua lei fundamental: «Os Redentoristas, para corresponderem à sua missão na Igreja, exercem a obra missionária de modo comunitário ... Por isso, para os Redentoristas é lei essencial de sua vida: viver em comunidade e por meio da comunidade realizar o trabalho apostólico» (n. 21).

Apropriam-se da visão comunitária da salvação exposta na Constituição *Lumen Gentium* do Vaticano II: «Em todos os tempos e em todas as nações foi agradável a Deus aquele que O teme e obra justamente (cf. *At* 10,35). Contudo, aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluindo qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente» (n. 9). Por isto os Redentoristas se esforçam por testemunhar que só «o êxodo da prisão do próprio eu» (*Spe salvi*, n. 14) permite acolher e viver a esperança que nos foi dada em Cristo.

A vida fraterna dos Redentoristas é essencialmente apostólica. Não são tanto as exigências de cada membro que modelam a sua comunidade, mas antes de tudo as da missão. Deixam-se constantemente inspirar pelas palavras de Cristo: «Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, sejam eles também em nós uma só coisa, para que o mundo creia que tu me enviaste» (*Jo* 17,21).

Isto se dá em todos os níveis, como afirmam as *Constituições*: «A vida comunitária leva os confrades a porem em comum, em fraterna e sincera convivência, à maneira dos Apóstolos (cf. *Mc* 3, 14; *At* 2, 42-45; 4, 32), orações e deliberações, dores e trabalhos, sucessos e insucessos e também os bens temporais, a serviço do Evangelho» (n. 22).

Nas origens da Congregação a dimensão apostólica da comunidade é particularmente ressaltada. Para a Irmã Crostarosa, a comunidade é «memória viva» que deve recordar a todos a radicalidade do amor do Pai em Cristo e o seu projeto de comunhão realizado pelo Espírito. Para Santo Afonso, a comunidade encarnada entre os abandonados com o fim de estar totalmente a serviço da evangelização deles, mediante a irradiação e a acolhida apostólica, é o «distintivo absoluto» da Congregação.

Em coerência com estas perspectivas, a comunidade redentorista quer ser, nos diversos contextos, a Igreja que se faz presente no meio dos abandonados, para fazê-los experimentar que para Deus não são abandonados. Faz isto empenhando-se em todos os níveis a «continuar o exemplo» do Redentor: «Chamados a continuar a presença do Cristo e sua missão de redenção no

mundo, escolhem a pessoa de Cristo como centro de sua vida. Esforçam-se por se unir sempre mais a ele em comunhão pessoal. Dessa maneira estarão o próprio Redentor e seu Espírito de amor presentes no coração da comunidade, para formá-la e sustentá-la. Na medida em que os confrades mais intimamente se unirem a Cristo, mais estreita será a comunhão entre eles próprios» (*Constituições*, n. 23).

Tudo isto exige oração constante e confiante. A comunidade redentorista se compromete a vivê-la e a fomentá-la na partilha com os pobres e os abandonados. Para isto procura juntar liturgia e piedade popular. A sua ambição é a de ser escola de oração para o povo, estimulando incessantemente à escuta e à assimilação da Palavra.

Devendo a comunidade redentorista estar pronta para as novas situações de emergência, determinadas pela rápida mudança da sociedade, as suas estruturas deverão ser simples e ao mesmo tempo eficazes; o mesmo vale para o seu estilo de vida. Tudo deverá ser pensado em fidelidade ao modo como o Redentor viveu entre nós, de maneira a poder testemunhar a todos a radicalidade do seu amor.

Sabatino Majorano

Confissão

Na linguagem comum, confissão significa admitir, em público ou em particular, um erro nosso. No jargão teológico, este termo por muito tempo designou o quarto Sacramento, Sacramento da cura espiritual.

Ma a confissão não é um ato mágico! Se não for devidamente preparada e não tem uma continuidade, torna-se ineficaz. Não por acaso, Afonso, proclamado Patrono dos Confessores em 1950, inseriu a confissão no centro do itinerário que todos os fiéis são chamados a percorrer: a conversão.

Em geral, a primeira confissão que fazemos é a da fé. Tendo ouvido o anúncio de salvação de um Deus que é capaz de dar a sua vida para nos demonstrar seu amor, o nosso coração se abre a uma resposta de amor. Mas logo nos damos conta de que estamos longe dele. Com o auxílio da graça somos chamados a seguir um roteiro que nos conduz à santidade, isto é, a nos assemelhar sempre mais a Cristo, imagem viva de Deus. Este roteiro tem diversas etapas: **1. O exame de consciência:** colocando frente a frente a nossa consciência com a de Jesus, compreendemos que em muitas de nossas atitudes, pensamentos, ações, cometemos o mal. **2. Arrependimento e propósito:** admitir simplesmente os nossos erros não basta. Começamos a mudar realmente quando tomamos consciência de que o mal praticado trouxe ruptura e morte dentro de nós, nos outros, no mundo. É então que nos propomos mudar de vida. **3. Confissão:** agora estamos prontos para a segunda confissão: diante do sacerdote, pedimos perdão a Deus e aos irmãos pelo mal cometido, e ele, como bom médico, nos dá o tratamento para curar nossas feridas, como bom amigo nos concede o perdão, como pai misericordioso nos devolve a herança que cabe a nós como filhos. **4. Penitência:** para demonstrar que estamos transformados de fato, nos preocupamos com reconstruir o aspectos da nossa vida nos quais fomos carentes, aceitando o pequeno esforço concreto que o sacerdote nos aconselha. **5. Felicidade:** o amor de Deus é mais forte que toda a nossa culpa. Ele, com a sua graça, nos dá uma nova oportunidade de viver a comunhão com Deus e os irmãos. É a terceira confissão, a mais bela: louvamos o Senhor porque ele nos reintegrou na sua casa, e podemos falar com ele chamando-o de “Pai”, podemos de novo abraçar os outros como irmãos e construir juntos a Igreja.

Relendo este itinerário, compreendemos que não tem sentido uma confissão das culpas, que não seja motivada pela confissão de fé, e que não nos abra à confissão de louvor.

Francesco Visciano

Consciência

Faça de conta que por um instante você voltou com a sua mente ... ao tempo de criança! Aliás, ainda hoje acontece que ficamos vendo desenho animado. Sim, aqueles, lembrou? Pense por exemplo em Tom & Jerry. Já notou que, nos momentos mais difíceis, quando é preciso tomar uma decisão, aparecem nos ombros de Tom ou de Jerry duas figuras menores mas iguais a eles, um vestido de anjo e o outro de diabinho?

O que fazem esses dois personagens enigmáticos? Sussurram aos ouvidos dos dois *o que fazer*. Mas o interessante é notar que o conteúdo da mensagem do diabinho é totalmente oposto ao da mensagem do anjinho!

E então, o que ajuda Tom e Jerry a decidir? O que os ajuda a entender qual é a coisa melhor a fazer?

Procuramos os termos equivalentes. O diabinho representa o que nós definimos *tentação*. Isto é, uma vozinha externa, atraente, fascinante, conquistadora ... afinal uma coisa cativante que provoca um frêmito forte dentro e nos atrai para ela.

O anjinho, por sua vez, é também uma vozinha, mas que está dentro de nós. Um som sussurrado, profundo, doce, aparentemente mais difícil de escutar porque o rumor que vem de fora, com toda a sua força sedutora, nos desorienta. Mas também porque esta voz nos diz, de modo forte e claro, o que fazer e o que, ao contrário, evitar, o que na maioria dos casos, não nos agrada. A esta segunda vozinha damos o nome de *consciência*.

Para Santo Afonso a consciência «é a regra próxima e formal do nosso agir». As nossas ações, segundo o Doutor da Igreja, são guiadas pela lei divina que é definida remota ou material, e por uma lei *próxima* ou formal, que é justamente a consciência.

Falando assim parece difícil ... mas procuremos raciocinar juntos ...

Muitos de nós já têm carteira de motorista. Sabem que, para poder dirigir, foi preciso aprender uma teoria, um código, um conjunto de sinais e de regras que, juntos, ajudam a entender o que fazer e como comportar-se nas diversas situações. Por exemplo, como dar a precedência num cruzamento, quando parar e arrancar num semáforo, como comportar-se nas estradas, etc.... Esta teoria, utilizando a linguagem de Santo Afonso, nós a chamamos de *lei material ou remota*. No momento em que nos sentamos ao volante de nosso carrão e chegamos a um cruzamento, recordamos o que “remotamente” aprendemos e o colocamos em prática.

Mas o cruzamento não é sempre o mesmo; os veículos não são sempre iguais; as pessoas que os dirigem mudam. E então, como nos comportamos? Lemos rapidamente a situação e de modo novo e criativo enfrentamos, com “prudência” o cruzamento, utilizando sempre o que aprendemos mas, de modo diferente, conforme a situação que se apresenta à nossa frente.

Esta capacidade criativa e prudente, na linguagem alfonsiana, é o que definimos *lei próxima ou formal*, justamente porque esta dá forma, na situação concreta que se está vivendo, à lei material ou remota e ao seu conteúdo que de outra forma ficaria morto. Pense agora numa pessoa que tirou a carteira mas não dirige. É como alguém que aprendeu uma “lei” mas não se esforça por colocá-la em prática...

Agora entendemos por que, para Santo Afonso, é realmente importante o empenho da pessoa para tornar viva, de modo criativo, a Lei de Deus, os seus mandamentos e os preceitos que, de outra forma, mesmo tendo força e vida em si, ficariam letra morta para o homem que não se esforça por conhecê-los e vivê-los.

A capacidade criativa da consciência recorda, pois, à pessoa a responsabilidade da formação para evitar *o arbítrio cego e uniformar-se à vontade de Deus*. O juízo que exprimimos sobre a realidade e nas diversas situações da vida deve encontrar sempre em Deus, cuja voz ressoa dentro de nós, o critério per avaliar de modo correto o que é bom e o que é mau. E, para fazer com que isto aconteça, é necessário conhecer sempre mais o próprio Deus e sua lei, porque isto é que torna o homem realmente homem.

Antonio Donato

Dinamismo Apostólico

Quando uma pessoa aceita conscientemente um encargo que lhe é confiado, logo põe em ação todas as suas energias para cumpri-lo. Não espera de modo fatalista que as coisas aconteçam, mas emprega seus recursos pessoais para realizá-lo do modo melhor possível. Se o encargo foi recebido junto com outros, deverá unir seus recursos pessoais aos da comunidade.

O Redentorista pertence a uma Congregação que se compromete a exercer o mandato *missionário* recebido com iniciativas corajosas e sério empenho. Com efeito, a Congregação redentorista é chamada por Deus para executar fielmente a sua obra missionária e no modo de executá-la segue a evolução dos tempos. O mandato missionário para o Redentorista permanece sempre o anúncio do Evangelho, de modo especial aos pobres. A libertação e a salvação integral do homem fazem parte do anúncio do Evangelho: é esta a obra da salvação à qual é chamado.

Esta missão exige plena consciência e livre adesão. O redentorista deve estar livre e pronto para esta missão, seja para os destinatários aos quais deverá dirigir-se, seja em relação aos meios que deverá empregar. Com fantasia e perspicácia procura descobrir novos caminhos para levar o Evangelho a toda a criatura (cf. *Mc* 16, 15).

Permanece um dever, portanto, a contínua procura de iniciativas apostólicas “sempre novas”, sob a guia da autoridade legítima; ele sabe que não pode deixar-se prender por “condições ou estruturas nas quais sua atuação já não seria missionária” (*Constituição*, n. 15).

Com efeito, o apostolado da Congregação redentorista, “se caracteriza mais pelo *dinamismo missionário*, isto é, pela evangelização propriamente dita e pelo serviço prestado aos homens e aos grupos mais abandonados e pobres” (*Constituição*, n. 15), pelas condições espirituais e sociais.

Pode-se dizer que o Evangelho é sempre o mesmo, mas o modo de anunciá-lo deve ser “sempre novo”, para poder atingir a pessoa no *seu próprio* tempo e nas suas próprias situações. Para poder fazer isto, o Redentorista deve manter em contínuo exercício as suas energias e os dons recebidos de Deus, rejeitando toda lógica de omissão. O Redentorista anuncia sem se cansar, a Palavra de Deus para que os homens se convertam e creiam no Evangelho.

Este *movimento dinâmico* exprime o zelo pastoral do Redentorista. Demonstra o ardor missionário de ser anunciador do Evangelho, porque pregar o Evangelho a quem ainda não o conhece continua sendo o primeiro dever da

Igreja. Santo Afonso desejava ardentemente pregar o Evangelho aos infiéis (aos pagãos).

Por isso, “toda a espécie de pobreza – material, moral e espiritual - deve solicitar o zelo apostólico do Redentorista” e o seu dinamismo (Estatuto 044). Ele deve colocar em ação todas as suas capacidades, não recusando nem sequer “confrontar-se” com os filhos deste mundo, os quais «no trato com seus semelhantes são mais hábeis que os filhos da luz», segundo a advertência de Jesus (*Lc 16,8*).

Diante das carências do nosso tempo, o Redentorista é chamado a imitar o zelo apostólico do Santo Fundador, a inspirar-se na fluida fantasia de São Clemente e a considerar como modelo de zelo pastoral São João Neumann e todos os outros santos, beatos e mártires da Congregação.

Salvatore Brugnano

Discernimento

O termo significa literalmente provar, filtrar, distinguir para esclarecer, avaliar de modo justo antes de decidir, conseguir escolher. No mundo grego o termo designava a função de examinar as moedas de ouro e de prata para comprovar se eram autênticas e idôneas como meio de troca. Na cultura cristã o discernimento indica o dinamismo vital per viver o Evangelho de Jesus, para ponderar com sabedoria e prudência os eventos e os fatos para perceber a vontade de Deus. O Evangelho convida a perscrutar o próprio coração, para reconhecer o que realmente nos move, se é o bem ou é o que vem do maligno. Hoje em dia, por discernimento entendemos a capacidade de ler a própria vida à luz da Palavra de Deus.

O tema do discernimento se coloca em diversos níveis. Comumente se fala de discernimento moral, para indicar a capacidade de entender o que nos é perdido: o que é bom para nós nas diversas situações e o que, ao contrário, deve se evitado. Há também o discernimento espiritual, que se refere à vida sob a guia do Espírito. O seu objetivo é a descoberta da vontade de Deus na vida e a aquisição da mentalidade de Cristo. Enfim, o discernimento vocacional, cujo objeto é o chamado, o apelo de Deus, que visa ajudar a pessoa a descobrir a própria vocação.

O discernimento se apresenta como um conjunto de momentos e de passos articulados que possibilitam à pessoa compreender-se a si mesma à luz de Deus. Ele exige uma escuta atenta, uma compreensão aprofundada de si mesmo e da realidade, uma grande humildade e clareza para poder decodificar os sinais dos tempos e rastrear os sinais da vontade de Deus.

Santo Afonso estava convencido de que Deus manifesta a cada pessoa a sua vontade e o guia, de modo misterioso, pelas estradas da vida, a fim de que possa discernir o que Deus quer realmente dele. Segundo o nosso Santo, existe uma multiplicidade de fatores que levam a uma decisão “segundo o que agrada a Deus”. Nas suas obras Afonso não fala do «discernimento», mas prefere destacar a importância de “descobrir a vontade divina” para realizar o plano divino de salvação. Para poder conhecer a vontade de Deus é mister, pois, viver com empenho e confiança o próprio estado de vida, suportar as dificuldades, e rezar para permitir a Deus agir, para compreender passo a passo o seu desígnio. Para descobrir a vontade de Deus, é necessário que o fiel estabeleça um diálogo com o seu diretor espiritual e que, juntos, compreendam o querer de Deus.

A PJVR indica o discernimento como o caminho necessário e obrigatório para os jovens que estão na fase de procura e para responder pessoalmente ao

chamado de Deus, qualquer que seja ele, e para decidir sobre o próprio futuro. Para ter clareza sobre a sua missão na vida, o jovem é convidado a descobrir as próprias capacidades naturais. Tudo no respeito da consciência e da liberdade da pessoa. O animador redentorista deve procurar que cada etapa do processo de crescimento dos jovens seja marcada por uma adequada opção feita num clima de discernimento.

Todo Redentorista, quando se encontra por causa do ministério no meio dos jovens, é convidado a prestar atenção para descobrir e discernir aqueles dons que o Espírito dispensa a muitos deles. O meio melhor e mais eficaz para o discernimento é a oração, a escuta, o testemunho de vida e o zelo apostólico.

Pietro Sulkowski

Encarnação

Todo o mistério da encarnação se resume, para Santo Afonso, numa única palavra: Amor.

Deus é loucamente apaixonado pelo homem. E quando este, por sua desobediência, merece ser expulso do Éden, o coração de Deus fica dilacerado. Por justiça o homem é expulso, porque traiu a confiança, a amizade, a aliança com Deus e, a partir daquele momento, deverá resgatar com o suor, com o trabalho e com sacrifícios (imolações) a sua vida.

Mas quem pode render plena justiça a Deus? Só um outro Deus o poderia, estando à sua altura e com igual dignidade. Como poderão, pois, os sacrifícios do homem alcançar a dignidade devida e render justiça a Deus? Com suas forças apenas, o homem não poderá adquirir a dignidade de estar à altura com o seu Criador.

Se o homem não pode tornar-se Deus, é Deus, então, que se fará homem, para poder permitir ao objeto do seu amor (o homem) absolver à justiça e ser assim resgatado ou, como diz o termo latino, redimido. A este sacrifício de amor é o próprio Filho de Deus que se propõe, convencido de que só uma plena doação por amor pode reabrir o coração do homem para Deus.

O Filho de Deus poderia encarnar-se num homem perfeito, já formado, como foi Adão e aparecer em toda a sua majestade e poder como era a idéia do Messias esperado por Israel. Mas Deus não quis amedrontar o homem ou atraí-lo a si com a força ou o medo de punições eternas. Quis que o seu amado voltasse a Ele num ímpeto de amor, como o namorado à sua amada. A encarnação, portanto, deve ser a imagem da ternura de Deus. E qual imagem mais terna senão a de um menino que para crescer tem necessidade de carícias, de afeto e de cuidado amoroso?

Deus se faz pequeno para nos fazer grandes, desce à terra para nos fazer subir ao céu. A encarnação é o *“tempo dos amantes”*. Para compreender esse mistério é necessário que também nós nos tornemos pequeninos, porque o coração dos pequeninos não sabe carregar rancor nem ódio e logo esquece as ofensas recebidas. E mesmo se fomos por muito tempo pecadores, acolhendo Cristo somos perdoados e remidos, porque *“o Eterno Pai não sabe desprezar o sangue de Jesus Cristo que paga por nós”*.

Na encarnação o Filho de Deus de grande se faz pequeno, pobre, servo, fraco, assume as culpas do homem não só para resgatar o homem com o seu sangue, com a sua própria vida imolada sobre a cruz, mas também para ajudá-lo na sua caminhada de renascimento interior que deve levá-lo a amar com o

mesmo amor com o qual Deus o ama. Com o seu exemplo quer fazer o homem compreender que um coração que ama deve dar-se todo a todos, vencer as próprias paixões, como a cobiça das riquezas, a soberba e o amor dos prazeres mundanos, para assim poder abrir o seu coração para os próprios irmãos e portanto ao próprio Deus que ama a todos com igual medida.

Deus, que ninguém pode vencer, foi vencido pelo amor, e este amor o levou a tornar-se homem e a sacrificar-se por amor ao homem.

Antonio Pupo

Espiritualidade redentorista

O que se entende por espiritualidade? Para responder a essa pergunta, devemos deixar-nos guiar por um trecho de São Paulo aos Romanos, onde fala de uma «vida segundo o Espírito» (cf. *Rm* 8, 1-12). Para o cristão, «viver segundo o Espírito» é deixar-se mover, inspirar, conduzir por aquele Espírito que moveu, inspirou e conduziu Jesus Cristo.

A espiritualidade cristã tem o seu ponto de referência principal e preciso na pessoa de Jesus Cristo. É essencialmente uma experiência pessoal e comunitária de Deus em Cristo por obra do Espírito Santo. Não existe, portanto, vida cristã sem vida espiritual.

Como se pode compreender, espiritualidade antes de tudo não significa algo abstrato e teórico, mas é expressão de vida e de envolvimento pessoal na história da Igreja e do mundo. No contexto de contínuas mudanças culturais e religiosas da sociedade, o Evangelho se exprime historicamente numa variedade de propostas que têm dado origem a diversos modos de vivê-lo e testemunhá-lo. Entre esses está a espiritualidade redentorista.

Desde a sua fundação, a Congregação do Santíssimo Redentor, vislumbrou e difundiu alguns aspectos peculiares da sua vida espiritual, deixando-se guiar e sustentar pelo testemunho e pelos ensinamentos do fundador Santo Afonso.

O centro da espiritualidade redentorista é Cristo Redentor, assim como se apresenta sobretudo nos mistérios da Encarnação, Paixão e Ressurreição celebrado na Eucaristia: «Chamados a continuar a presença de Cristo e sua missão de redenção no mundo, escolhem os Redentoristas a pessoa de Cristo como centro de sua vida. Esforçam-se por se unir sempre mais a Ele» (*Constituição*, n. 23).

A centralidade de Cristo Redentor inspira os Redentoristas a serem testemunho vivo no continuar a Sua missão de salvação no mundo. Portanto, a missão dá unidade a toda a sua vida.

Essa força unificadora é chamada «vida apostólica que compreende, a um só tempo, a vida especialmente dedicada a Deus e a obra missionária dos Redentoristas» (*Constituição*, n. 1). A finalidade apostólica impregna toda a vida dos congregados: tudo é em função do anúncio do Evangelho caracterizado por um forte dinamismo missionário para com aqueles homens e aqueles grupos que são mais abandonados e pobres, pelas condições espirituais e sociais (*Constituição*, n. 14). Os Redentoristas, portanto, fazem-se presentes lá onde o abandono espiritual do povo é mais grave.

O coração deste anúncio é a copiosa Redenção: a proclamação do amor misericordioso de Deus que em Cristo alcança todo homem. Esse anúncio visa a conversão, radical decisão por Cristo, exprimindo-se num caminho de fé orientado para o amadurecimento da vida cristã, tanto pessoal como comunitário.

Os Redentoristas vivem em comunidade, uma realidade essencial para a sua missão: viver em comunidade e por meio da comunidade realizar o trabalho apostólico. A comunidade não é somente um lugar onde eles rezam e vivem juntos, mas é em si mesma uma proclamação contínua do Evangelho. A exemplo de Santo Afonso, a sua opção pelos abandonados se realiza vivendo, com zelo apostólico, no meio do povo e aproximando-se do povo com a simplicidade de vida e de linguagem. A Virgem Maria, avançando no caminho da fé e abraçando de todo o coração a vontade salvífica de Deus, é o modelo de todo Redentorista. Ela sempre serviu e continua a servir ao mistério da Redenção, socorrendo perpetuamente o povo de Deus em Cristo (*Constituição*, n. 32).

Uma representação simbólica da espiritualidade redentorista pode-se ver no escudo da Congregação: a cruz com a lança e a esponja colocada sobre três montes; aos lados da cruz os monogramas dos nomes de Jesus e Maria; sobre a cruz um olho emitindo raios; no alto uma coroa. Em torno do escudo se lê: *Copiosa apud Eum Redemptio* (Salmo 129: Junto dele copiosa redenção).

Maurizio Ianuário

Eucaristia

A Eucaristia é o sacramento do sacrifício de Jesus Cristo, e portanto constitui o ápice e a fonte da vida da Igreja e da evangelização.

A centralidade da Eucaristia emerge de toda a tradição redentorista, inspirada nas obras do Fundador Santo Afonso Maria de Ligório, sobretudo no livrinho *Do sacrifício de Jesus Cristo com uma breve explicação das orações que se rezam na Missa*, a espiritualidade para conhecer, celebrar e viver o mistério de Cristo Redentor.

A Eucaristia deve ser considerada no seu duplo aspecto de sacrifício e de sacramento.

- Na Eucaristia se faz presente o sacrifício de Jesus Cristo, como memória *do sacrifício da cruz*, do qual é “continuação”.
- no conhecimento a Eucaristia como sacrifício não são descuidados os elementos dos sacrifícios do Antigo Testamento, especialmente o da Páscoa, cujas notas (oblação, imolação, consumação, participação) se encontram na celebração da Missa.
- a celebração da Missa é sacrifício de louvor e de agradecimento, mas também de propiciação e de purificação, onde o Senhor perdoa as culpas e reconcilia consigo os pecadores.
- o sacrifício eucarístico é o cumprimento do mistério de salvação. A Eucaristia compendia todas as intervenções de Deus, desde a encarnação à parusia, e à Eucaristia fazem referência todos os outros sacramentos.
- a Eucaristia é o sagrado banquete que une intimamente a Cristo, conserva e aperfeiçoa a vida espiritual, anuncia e prepara a ressurreição e a glória. Por isso a celebração é completa com a comunhão à qual naturalmente tende. A comunhão freqüente, e até cotidiana, garante uma vida sacramental plenamente participada.
- da Eucaristia provém toda a perfeição da vida espiritual: para os sacerdotes que devem sempre celebrar dignamente, para os religiosos que devem unir ao Mistério a oferta da sua vida, para os leigos atuantes na família e na sociedade.
- a celebração da Eucaristia, para ser frutuosa, exige “devoção”, ou seja: preparação (conhecimento do mistério e preparação imediata) e agradecimento (meditação e prolongamento durante o dia).

- a presença eucarística de Cristo continua depois da celebração. Desta deriva a adoração do SS.mo Sacramento, necessária para quem deseja levar uma vida cristã inspirada na liturgia, sobretudo para quem é chamado ao sacerdócio e à vida consagrada.
- o sacrifício eucarístico alimenta a graça do Batismo: participado e vivido, compromete o fiel com a realidade cotidiana em que vive.
- sendo sacramento do amor, na Eucaristia está contido o ser amados e o amar os irmãos com a mesma caridade de Cristo, tornando-se como ele, pão partido para a vida do mundo.
- uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária. Por isto, a Eucaristia não é somente fonte e ápice da vida da Igreja, mas também da sua missão.
- a primeira e fundamental missão que vem do Mistério celebrado é o testemunho de vida.

Ciro Vitiello

Formação Espiritual

A formação espiritual é antes de tudo um itinerário de contínua assimilação a Cristo no amor, mais que um conjunto de vários projetos e intervenções.

Santo Afonso sintetiza claramente este processo dizendo que: «O auge da santidade e da perfeição é amar a Jesus Cristo... a verdadeira perfeição é amar a Deus de todo o coração » (*A Prática do amor a Jesus Cristo, em Opere Ascetice*, vol. I, Roma 1933, cap. I, p. 1).

Portanto, todo caminho espiritual autêntico deve necessariamente ser uma “vida em Cristo”, deve conduzir a fazer dele o “centro e o sentido da própria existência”. Só assim se poderá viver uma vida plena, realizada e totalmente transformada na caridade.

Para o Redentorista a formação espiritual é uma prioridade da qual não pode abrir mão, porque sabe que quanto mais se esforçar por aderir a Cristo, tanto mais será chamado a continuar a Sua presença e a Sua missão redentora no mundo.

As nossas Constituições convidam a cultivar um espírito de contemplação para desenvolver e fortalecer a fé e para tornar-nos sempre mais dóceis à ação do Espírito Santo que jamais cessa de operar para nos conformar a Cristo (*Constituições*, 23-25).

Naturalmente, para alimentar e sustentar este processo de adesão e de transformação em Cristo é necessário beber na fonte primária que é a Palavra de Deus. «Como ministros da revelação do mistério de Cristo entre os homens, mantenham os Redentoristas assíduo contato com essa Palavra viva e vivificante e assimilem-na pela freqüente leitura divina e pelas celebrações comunitárias» (*Constituição*, 28). Outras fontes indispensáveis são a oração, a meditação, a liturgia, os Sacramentos e de modo particular a Celebração Eucarística, fonte e ápice de toda a vida apostólica do Redentorista.

A “vida no Espírito” é uma exigência primária, porque nela o Redentorista encontra a própria identidade e uma serenidade profunda que o levará a buscar e a defender os necessários tempos de oração, de silêncio, de solidão e de adoração... e de todos aqueles itinerários espirituais que possam nutrir e fomentar o espírito missionário, a caridade apostólica e a contínua busca de novos caminhos para a evangelização dos mais abandonados do nosso tempo.

Antonio Perillo

Francisco Xavier Seelos

Francisco Xavier Seelos nasceu no dia 11 de janeiro de 1819 em Füssen (Baviera, Alemanha).

Manifestando desde criança a aspiração ao sacerdócio, depois dos estudos filosóficos entrou no seminário diocesano.

Depois de conhecer o carisma e a ação missionária da Congregação do SS.mo Redentor, decidiu tornar-se Redentorista e partir pra a América do Norte.

Chegando aos Estados Unidos no dia 20 de abril de 1843, entrou no noviciado e concluiu os estudos teológicos, recebendo a ordenação sacerdotal no dia 22 de dezembro de 1844.

Iniciou o seu ministério pastoral em Pittsburgh na Pennsylvania como vice-pároco do confrade São João Neumann, exercendo ao mesmo tempo o ofício de mestre dos noviços e dedicando-se à pregação missionária.

Nos anos sucessivos foi pároco em diversas cidades e formador dos estudantes redentoristas. Considerado um experiente confessor e guia espiritual e um pastor sempre alegremente disponível e solícito para com as necessidades dos pobres e dos abandonados, em 1860 foi candidato a bispo de Pittsburgh. Obteve do Papa Pio IX a licença de ser exonerado de tal responsabilidade e dedicou-se em tempo integral à atividade missionária itinerante, pregando em inglês e em alemão nos estados de Connecticut, Illinois, Michigan, Missouri, New Jersey, New York, Ohio, Pensilvânia, Rhode Island e Wisconsin.

Foi enfim nomeado pároco da igreja de Nossa Senhora da Assunção New Orleans, Louisiana, e morreu no dia 4 de outubro de 1867, vítima da febre amarela, contraída ao socorrer os doentes, na idade de 48 anos e nove meses.

Sua Santidade João Paulo II o beatificou no dia 9 de abril de 2000.

Missal redentorista

Gaspar Stanggassinger

Gaspar Stanggassinger nasceu no dia 12 de Janeiro de 1871 em Berchtesgaden; era o segundo de 16 filhos. O pai, homem estimado, era agricultor e dono de uma pedreira.

Gaspar amadureceu desde pequeno o desejo de tornar-se sacerdote: entretinha muitas vezes os irmãos e irmãs com pregações e procissões.

Aos dez anos de idade foi para a escola de Freising, mas encontrou notáveis dificuldades, a tal ponto que quase abandonou os estudos. Conseguiu ir adiante com notável esforço e oração. Durante as férias de verão reunia os meninos ao seu redor com a intenção de formá-los para a vida cristã.

Em 1890, depois do exame de maturidade, entrou no seminário diocesano de Freising. Neste tempo compreendeu que o Senhor o chamava a viver a sua vocação num estado diferente do diocesano.

Em 1892, em conseqüência de uma visita dos missionários Redentoristas, decidiu segui-los; entrou no noviciado de Gars no mesmo ano, não obstante a oposição do pai, e em 1895 recebeu a ordenação sacerdotal.

Sua intenção era pregar o Evangelho aos povos mais abandonados; mas os superiores o nomearam formador dos futuros missionários.

Além do ensino, não deixava nunca de prestar o seu auxílio pastoral nas aldeias vizinhas. Apesar do volume de trabalho, era sempre disponível; nele os rapazes não viam um superior, mas um irmão.

Era grande devoto de Jesus Eucaristia; convidava todos a recorrer ao SS.mo Sacramento nas necessidades e nas ânsias; a sua pregação, à diferença do costume da época, não incutia terror, mas era simples e estimulava à confiança, à caridade fraterna e a levar a sério a vida cristã.

Em 1899 foi nomeado diretor do novo seminário de Gars. Depois de ter pregado um retiro espiritual aos rapazes e de ter participado da abertura do novo ano escolástico, morreu por causa de uma peritonite no dia 26 setembro do mesmo ano, aos 28 anos.

Costumava dizer: “Os Santos têm intuições especiais; para mim que não sou santo, o que é importante são as verdades simples de sempre: Encarnação, Redenção e Santíssima Eucaristia”.

Foi proclamado Beato por João Paulo II no dia 24 de abril de 1988.

Geraldo Majela

Geraldo Majela nasceu em Muro Lucano (Província de Potenza) no dia 6 de abril de 1726, numa família humilde; o pai Domingos e a mãe Benedita, em compensação, eram fervorosos cristãos; na escola deles, Geraldo aprendeu o amor à oração e ao sacrifício. Tendo ficado órfão de pai bem cedo, e sendo o único filho homem, teve de cuidar do sustento da família, e começou a trabalhar como alfaiate. Aos 14 anos pediu para entrar no convento dos Capuchinhos onde se achava seu tio materno, mas foi rejeitado por causa de sua saúde fraca.

Depois de uma breve experiência como empregado doméstico do bispo de Lacedônia, voltou a trabalhar como alfaiate, mas com escassa renda.

Em abril de 1749, demonstrando uma tenacidade e uma determinação incomuns, conseguiu ser aceito pelos Redentoristas que haviam pregado uma missão popular em Muro.

Tendo passado um período de prova, fez o noviciado na casa de Deliceto, e emitiu a profissão religiosa, no dia 16 de julho de 1752.

Embora observando fielmente a Regra, percorreu os povoados vizinhos pedindo esmolas para atender às necessidades materiais da comunidade.

A sua presença entre as pessoas mortificadas pela miséria e pela ignorância, sujeitas às epidemias e às crises das colheitas era vista como um sinal de esperança. Geraldo entendia o estrado de ânimo das pessoas e dava a todas um prova de confiança no amor e na misericórdia de Deus.

Viveu na Congregação durante 5 anos como irmão coadjutor, distinguindo-se pelo zelo apostólico, a paciências nas enfermidades, a caridade para com os pobres, a profunda humildade no período de uma infamante calúnia, a heróica obediência, as penitências e a oração constante.

Escreveu numerosas cartas de direção espiritual e um “Regulamento de vida”.

O Senhor o favoreceu com carismas, entre os quais a profecia, a introspecção dos corações e o dom dos milagres. Morreu no dia 16 de outubro de 1755 em Materdomini (Província de Avelino).

Foi beatificado por Leão XIII a 29 de janeiro de 1893 e canonizado por Pio X no dia 11 de dezembro de 1904.

Na alma do povo, a figura sempre amiga de Geraldo Majela é vista como sinal de proteção, principalmente para as mães, os bebês e as parturientes.

Guia espiritual

Geralmente podemos indicar com este termo aquele que oferece um auxílio espiritual no cumprimento da vontade de Deus. A palavra guia sugere uma caminhada. Por isso, o guia espiritual é uma pessoa que acompanha pelos caminhos do Espírito, estimula no amadurecimento de fé do dirigido, conduz à descoberta da vontade de Deus.

Para a função de guia são também usados outros nomes, como: *pai espiritual, diretor, mestre, acompanhador...* Muitos hoje afirmam que o guia espiritual é antes de tudo homem do Espírito. O seu papel está ligado à ação do Espírito Santo na pessoa que está acompanhando.

O serviço do guia espiritual é um dos ministérios mais delicados que existem na Igreja. É chamado “arte das artes”. Este ministério de apoio espiritual exige determinadas qualidades pessoais, uma certa formação e maturidade, uma experiência espiritual relevante.

Na visão alfonsiana, o meio privilegiado da caminhada cristã é a direção espiritual. Ela representa um auxílio necessário no itinerário espiritual, um meio importante para percorrer o caminho da perfeição: um bom guia conduz a pessoa à santidade. Afonso aconselha a direção a todos os leigos e a recomenda fortemente a todos os religiosos. Está convencido de que não se pode progredir na vida espiritual e alcançar a santidade sem o auxílio de um outro. Por isso, a tarefa primária do guia espiritual é a de acompanhar as almas desde a conversão à perfeição da santidade.

A função do guia espiritual consiste em tornar mais seguro o caminho do fiel para a santidade e na uniformidade à vontade divina. Por isso, o fim da direção espiritual, segundo Afonso, é a santidade, a perfeição, ou seja, o desenvolvimento da vida interior até a sua plenitude; o objetivo consiste no crescimento do amor a Cristo e na conquista gradual da santidade. Os preceitos, as leis e os conselhos dos guias representam os meios tangíveis, através dos quais é possível discernir o chamado de Deus e realizar a santidade.

Afonso atribui uma grande importância à obra da direção espiritual. Aliás, ele pensa que o guia representa o próprio Deus, verifica a vontade divina e assegura o caminho do fiel e o ajuda a corrigir seus defeitos.

Para Afonso as qualidades do guia espiritual são: a ciência, a experiência, a benignidade, a santidade da vida pessoal. O Santo recomenda a quem quer ser guiado, a oração para encontrar um bom guia espiritual.

A PJVR considera o guia espiritual como aquele que é capaz de ajudar os jovens a tomar consciência da necessidade de um acompanhamento personalizado para o amadurecimento e a realização do Projeto de Vida. O Redentorista é chamado a amadurecer um olhar contemplativo da vida, de modo a fazer descobrir no jovem a riqueza do seu mundo interior. Este olhar pressupõe uma boa visão, isto é, a capacidade de perscrutar as almas das pessoas em busca das respostas sobre a sua vocação. Somente os guias profundos espiritualmente serão capazes de ajudar, discernir e orientar para a verdadeira decisão vocacional. Para ter esta vida profunda é necessária uma atitude de oração, de reflexão sobre a Palavra de Deus, de contínua conversão, vida virtuosa, etc. Para os Redentoristas o ministério de guia espiritual deve ser um encargo luminoso e apreciado. Diante de tantas interrogações do mundo de hoje, os congregados são chamados a fazer-se disponíveis para este serviço (cf. *Estatuto*, 024).

Pietro Sulkowski

Ivan Ziatyk

Sacerdote e vigário geral da Igreja greco-católica ucraniana, nasceu a 26 de dezembro de 1899 em Odrekhova (Sjanok, Sanok) em Galícia. Terminado o ginásio em Sjanok, em 1919 entrou no seminário de Peremyshl e em 1923 foi ordenado sacerdote. De 1925 a 1935 foi prefeito e professor de teologia no seminário de Peremyshl. No dia 15 de julho de 1935 entrou na Congregação Redentorista. Depois do noviciado, ensinou teologia e sagrada escritura no estudantado de Gholosko (Lviv). Em janeiro de 1948 foi nomeado vice-provincial e vigário geral de toda a Igreja greco-católica ucraniana.

Preso em 24 de janeiro de 1950, por quase dois anos viveu nos cárceres de Zolochiv, Lviv e Kiev. No dia 21 de novembro de 1951 foi condenado a dez anos de trabalhos forçados e transportado para os lager de Ozerlag (Ozernyj) na Sibéria. Na sexta-feira santa de 1952 foi cruelmente seviciado com pancadas. Morreu três dias depois, no dia 17 de maio, num dos hospitais do lugar.

Missal redentorista

Januário Maria Sarnelli

Januário Maria Sarnelli nasceu em Nápoles no dia 12 de setembro de 1702. Filho do Barão de Ciorani, desde menino recebeu uma sólida formação cultural e espiritual.

Dedicou-se ao estudo da jurisprudência e aos vinte anos se doutorou em direito civil e eclesiástico.

Assistindo aos doentes do hospital dos Incuráveis, sentiu o chamado ao sacerdócio. Nesta época também ficou conhecendo Afonso Maria de Ligório, que depois foi seu primeiro biógrafo.

Ordenado sacerdote em 1732, dedicou-se especialmente à catequese das crianças e à recuperação e prevenção das moças expostas ao meretrício.

Ingressou, em junho do ano seguinte, na Congregação do Santíssimo Redentor, fundada por Afonso Maria de Ligório no dia 9 de novembro de 1732 e consagrou-se à pregação da Palavra de Deus nos lugares mais destituídos de auxílio espiritual.

Por motivos de saúde, em 1736, voltou a morar em Nápoles, onde, além de continuar a atividade missionária na Congregação redentorista, retomou as precedentes atividades pastorais e caritativas, especialmente entre os doentes, os anciãos, os encarcerados e os meninos obrigados a trabalhar como carregadores. Começou também uma ardorosa campanha contra a difusão da prostituição e do vício da blasfêmia.

Fértil escritor, publicou neste tempo mais de 30 obras de conteúdo jurídico-social, de moral, de mística, de pedagogia, de pastoral, de mariologia e de ascética.

Em 1741, em preparação à visita do cardeal Spinelli à diocese, programou a grande missão entre os povoados espiritualmente abandonados, ao redor de Nápoles, e dela participou.

Consumido pelo seu ardente zelo pela salvação das almas, faleceu em Nápoles no dia 30 de junho de 1744 com cerca de 42 anos.

Sua Santidade João Paulo II o proclamou beato no dia 12 de maio de 1996.

Missal redentorista

João Nepomuceno Neuman

João Nepomuceno Neuman nasceu em Prachatitz na Boêmia (República Tcheca) no dia 28 de março de 1811. Estudou teologia no seminário de Budweis. Entusiasmado pela vida missionária e desejoso de ganhar almas para Cristo, decidiu deixar a pátria para dedicar-se aos imigrados europeus residentes na América do Norte, destituídos de auxílio espiritual.

Foi ordenado sacerdote pelo bispo de New York, e logo assumiu o cuidado pastoral das vastas zonas que circundam as cataratas do Niagra.

Desejoso de viver numa comunidade religiosa que melhor correspondesse ao seu espírito missionário, entrou na Congregação do SS.mo Redentor. Foi um incansável missionário, preocupando-se em particular com os imigrados alemães primeiro em Baltimore, depois em Pittsburgh. Exerceu o cargo de vice-provincial dos Redentoristas de 1846 a 1849, quando tornou-se pároco da igreja de Santo Afonso em Baltimore. Em 1852, aos 41 anos, foi nomeado bispo de Filadélfia. Promoveu vigorosamente a vida religiosa dos Estados Unidos fundando escolas católicas e promovendo o culto da Eucaristia. Em dois anos o número dos alunos nas escolas paroquiais passou de 500 a 9000. Fundou um novo Instituto: as Irmãs da Ordem Terceira de São Francisco. No breve espaço de 7 anos construiu 89 igrejas e, alguns hospitais e orfanatos.

Digno filho de Santo Afonso, fez como ele o voto de nunca perder tempo. Foi um bispo santo e incansável. Visitou ininterruptamente a vasta diocese; chegou a percorrer até 40 km de montanha, no lombo de um animal, só para crismar uma menina doente.

No dia 5 de janeiro de 1860, aos 49 anos, morreu de repente de infarto numa rua de Filadélfia.

Beatificado durante o Concílio Vaticano II no dia 13 de outubro de 1963, foi canonizado no dia 19 de junho de 1977. Na homilia da canonização Paulo VI resumiu a atividade do novo Santo com estas palavras: “Era próximo dos doentes, gostava de encontrar-se com os pobres, era amigo dos pecadores e agora constitui a glória de todos os imigrados”.

Missal redentorista

Jovem

Destinatário da PJVR. Geralmente falando, é uma pessoa entre os 16 e os 30 anos. No itinerário da vida cristã, é a pessoa que acolhe pessoalmente a fé e com ela se compromete de modo criativo e coerente, entre o fim da Iniciação Cristã e a escolha vocacional de vida.

Os jovens não são todos iguais. Para evangelizá-los é preciso conhecê-los e entender o tipo de sociedade à qual pertencem, já que ela condiciona a vida dos jovens, como a vida de todas as pessoas que a constituem. Os jovens, de todas as épocas, são o fiel reflexo dos valores que guiam a sociedade que, não podemos esquecer, os adultos construíram com suas escolhas. Por outro lado ser jovem sempre implica uma forma de vida diferente da dos adultos. O jovem se caracteriza por uma impostação de vida peculiar, muito diversa das outras etapas de desenvolvimento da vida humana. Esta impostação tem como objetivo atingir uma identidade própria e original.

A vida jovem é sempre um despertar em todas as dimensões que a realidade oferece como caminho de construção do próprio futuro. O seu coração está aberto à vida, à amizade e ao amor profundo, à emoção, à preparação e à qualificação, às sensações, às experiências limite e às impressões dos relatos (reais e irreais). Ao mesmo tempo, adere com relativa facilidade a grandes causas e a propostas de transformação social, mesmo se isto não garante o seu envolvimento. O jovem é idealista por natureza, aberto ao futuro e com capacidade de arriscar. Nesta característica se esconde, também, uma certa abertura à transcendência. Além disto, o jovem possui um outro ritmo vital, que o identifica como tal no conjunto da sociedade. Suas prioridades, gostos, horários e atividades correspondem àquela etapa da vida. Em geral, encontra-se no meio do caminho entre a estética e a ética, preocupado com a imagem e a aceitação da parte dos outros como forma de inserção na comunidade humana.

Na Igreja nem sempre encontra um espaço onde possa viver a fé de acordo com a sua forma de ser e de exprimir-se. Mas na realidade não faltam jovens na Igreja que descobrem no Deus de Jesus Cristo um chamado a serem felizes e solidários. O jovem sente a necessidade de Cristo Redentor. Então se a sua máxima aspiração é alcançar uma vida plena e feliz, Cristo responde absolutamente à sua máxima aspiração.

Os jovens exercem uma função muito importante na Igreja: conseguem renovar a comunidade cristã, e a pôr em discussão aqueles elementos que tornam menos radical o seu testemunho e missão. Representam, portanto, para os Redentoristas um desafio e, ao mesmo tempo, uma urgência. Um desafio

porque neles a expressão do Evangelho é espontânea e reveladora de uma nova forma de vida cristã. Uma urgência, porque os jovens são abandonados pela atividade pastoral de muitas comunidades cristãs, e precisam de espaço para a reflexão, a convivência e a oração. A PJVR, por conseguinte, constitui um espaço adequado para que o jovem descubra o sentido da própria vida e vocação. Por esta razão, representa uma prioridade para os Redentoristas.

Enfim, o jovem não só é destinatário da PJVR, mas é também chamado a ser agente, animador, missionário. Portanto, convivem ao mesmo tempo duas modalidades de presença do jovem na PJVR: uma como destinatário, a outra como agente.

Laureano Del Otero

“Jovens' e 'adultos jovens”

Em todo o mundo, as palavras “jovens” e “adultos jovens” têm um significado diverso no contexto pastoral. Na Europa, comumente a palavra “jovens” indica os homens e as mulheres da faixa etária que vai dos 18 aos 35 anos.

Na América do Norte, porém, o termo “jovem” é muitas vezes aplicado à faixa de idade compreendida entre os 14-17 anos, ao passo que os que têm entre 18 e 30 anos são considerados “adultos jovens”. Nos Estados Unidos, por exemplo, na categoria de “Adultos Jovens” podem se encontrar também jovens que superaram esta idade.

Parece que alguns “adultos jovens” chegam às decisões fundamentais da vida em atraso com relação aos jovens de idade mais baixa. A classificação de “jovens” e “adultos jovens” parece portanto ajudar a individualizar, seja aos sociólogos, seja aos pastoralistas, as exigências de ambos os grupos de maneira a encontrar respostas para o seu crescimento integral.

Santo Arrigo

Leigo

Na linguagem eclesial, o termo leigo indica uma pessoa que pertence ao povo de Deus mas é “desligada” da hierarquia eclesial (ver o verbete: religioso). Nos textos do Novo Testamento, o termo ‘leigo’ não aparece explicitamente, mas neles é referida a experiência dos primeiros cristãos que dão testemunho do Evangelho perante o mundo.

No período histórico de Santo Afonso, temos as irmandades ou confrarias, associações de leigos, canonicamente erigidas, com Estatutos próprios. Elas fazem obras de caridade para com o próximo, assistindo os confrades enfermos e sufragando as almas dos falecidos. Nos centros maiores assistem encarcerados e condenados à morte, fundam hospitais para os doentes pobres e albergues para os romeiros que vão para a Terra Santa ou para Roma, em visita ao sepulcro de São Pedro.

Uma especial atenção ao laicato foi dada pela obra realizada pelo nosso São Clemente Maria Hofbauer, principalmente no último período da sua vida, quando se estabelece em Viena (início do século XIX): ele procura envolver os leigos no seu múltiplo trabalho apostólico para influenciar de modo mais profundo e duradouro a sociedade europeia do seu tempo.

Na segunda metade do século XX, graças ao Concílio Vaticano II, os leigos começam a encontrar uma “dimensão vital” na qual exprimir os seus dons. A exortação apostólica de João Paulo II *Christifideles laici* oferece impulsos explícitos que manifestam profundas transformações capazes de tornar também os leigos protagonistas da ação salvífica que a Igreja realiza no seu agir pastoral.

Seguindo este vento renovador, também a nossa Congregação inicia a pensar e definir a figura do missionário leigo como colaborador ativo e participante da vida apostólica da Congregação redentorista, para um real enriquecimento recíproco. Os missionários leigos são fiéis leigos (homens ou mulheres, casados ou não), de fé madura e de testemunho coerente, que, chamados pelo Espírito a seguir Cristo Redentor mais de perto, decidem compartilhar da espiritualidade e da missão da comunidade redentorista; escolhem uma forma estável de associação, isto é, de colaboração e de participação na sua vida apostólica; comprometem-se realizar a missão redentorista de modo leigo, isto é, «nas suas condições de vida, nos seus deveres ou circunstâncias e por meio de todas essas coisas» (cf. *Lumen Gentium*, n. 41). A comunidade redentorista coloca à disposição dos leigos a riqueza e a fecundidade do seu patrimônio espiritual e material.

Os missionários leigos começam uma caminhada de discernimento que os leva à redescoberta da sua vocação batismal com a capacidade de responder-lhe com prontidão e generosidade; à experiência de aprofundar-se na espiritualidade e na missão redentorista. A comunidade dos missionários se compromete a construir um profícuo diálogo: todo redentorista é estimulado a aumentar o interesse pelo mundo do laicato a fim de que ele possa enriquecer-se de tudo o que o Espírito Santo gratuitamente doa através da sua pessoa.

Sinal visível de tal caminhada de crescimento comunitário será o dedicar a própria vida aos abandonados, sobretudo a quem é posto à margem da sociedade e àqueles que vivem uma dimensão de vida pobre seja material seja espiritual. É tarefa da comunidade redentorista, junto com os leigos, individuar as “estratégias” pastorais mais aptas para responder às diversas necessidades no contexto social em que vivem. Eles evitarão adaptar esquemas “pré-fabricados”! Animados todos do carisma alfonsiano, se esforçarão por encontrar aqueles caminhos da evangelização dos pobres que terão o fim de realizar uma práxis missionária na qual os próprios pobres co-evangelizarão. Os missionários e os leigos redentoristas, na escola do Evangelho, compreenderão e viverão sempre melhor as riquezas que Deus semeou nos sulcos da humanidade.

Nesses termos, começou na Congregação há uns 20 anos uma experiência muito estimulante que agrupa os leigos que se denominam com a sigla LAR (Leigos Associados Redentoristas). Os que pertencem aos LAR depois de amplo discernimento se associam à Congregação em forma pública através de um juramento. Eles compartilham com os Redentoristas, o carisma, a espiritualidade e o apostolado.

Aldo Savo

Liberdade

«Mamãe, vou sair esta noite. Posso voltar depois da meia noite?». «Não! é tarde demais». «Papai, amanhã vou precisar do carro! Posso usá-lo?». «Não! Faz pouco tempo que você tirou a carteira e é perigoso demais». «Professor, posso ir ao banheiro?». «Não, você já saiu uma hora atrás». «Ufa! não tenho liberdade para fazer nada?»

Quantas vezes ressoou em nossa boca uma frase desse tipo: não tenho liberdade para... tem sempre alguém para me dizer 'não' ... não posso fazer nada... se pudesse faria, mas mamãe não me deixa ...

O problema se refere à nossa liberdade ou pelo menos àquilo que pensamos que ela seja. Muitas vezes, entendemos a liberdade como possibilidade de seguir os próprios caprichos, impulsos, desejos. Fazer o que nos agrada sem preocupações e sem limites ...

Mas a *Liberdade* é algo mais! Numa de suas obras mais importantes, Bernhard Häring, teólogo redentorista, afirma que a Liberdade, com “L” maiúsculo, não pode ser confundida com a licença para poder fazer qualquer coisa, ignorando o fato de que a liberdade nunca é o contrário da responsabilidade.

Querendo precisar o significado de Liberdade, então, poderíamos defini-la como a capacidade de dispor criativamente e responsabilmente de si mesmo e do próprio futuro. Criativamente, porque, sendo dotado de razão, à diferença dos animais que são guiados só pelo instinto, o homem pode agir de modo sempre «novo». Pode introduzir na corrente normal dos eventos algo imprevisível e que não existe já antes. *Responsavelmente porque não se pode falar de Liberdade sem responsabilidade.* Com efeito, é a responsabilidade que ajuda o homem a superar o nível do instinto e a assumir o seu projeto de vida vivendo como protagonista o próprio tempo.

A Liberdade, portanto, é um valor dinâmico, uma realidade em contínuo movimento, um caminho de “libertação” dos condicionamentos internos e externos, que os psicólogos chamam liberdade – de, para atingir a plenitude da *Liberdade*, isto é, a Liberdade – para crescer na responsabilidade em vista de um projeto a ser realizado na vida, capaz de centrar de novo toda a existência.

Assim, não são os “não” que põem em discussão a nossa Liberdade. Talvez a condicionam ou, ainda melhor, nos condicionam. Mas são justamente os “não e os seus irmãos” que nos colocam diante da necessidade de decidir e portanto de exercer de modo responsável ou irresponsável a nossa Liberdade. Um comando, positivo ou negativo que seja, nos chama a decidir sobre a realidade e sobre nós mesmos ... por detrás da expressão «que devo fazer?» são

sempre postas em jogo tanto a responsabilidade do momento que estou vivendo, e no qual sou chamado a decidir, o aqui e o agora... como a responsabilidade da minha vida na sua totalidade... o meu futuro... nós somos *o futuro* de nossas escolhas!

Antonio Donato

Maria

A devoção a Nossa Senhora, Mãe de Deus (theotókos) e mãe nossa, está radcada no coração da Congregação do Santíssimo Redentor e integralmente herdada da tradição da Igreja, da doutrina e do coração de Afonso de Ligório, expressão da sua piedade e experiência religiosa. Portanto a Congregação tem uma fisionomia toda cristológico-mariana. Afonso com a vida, a pregação, os escritos cantou por toda parte *As glórias de Maria* (Nápoles 1750), junto com o anúncio alegre da copiosa redenção.

Como Maria, mãe de misericórdia, todo Redentorista é chamado a revelar aos pobres o rosto de Deus, rico de misericórdia, numa relação de amor confiante, filial e ao mesmo tempo temeroso.

O século XVII, século marcado pelo Jansenismo e por um culto redutivo a Nossa Senhora (cf. *Della regolata devozione de' cristiani* de L. A. Muratori do 1747), Afonso foi apóstolo generoso e “maximalista” do culto mariano. “Não obscurece a glória do Filho, – costumava dizer – quem honra muito a Mãe”.

Em 1730 em Scala (Província de Salerno), na “Gruta das revelações”, escuta a voz de Maria que o chama a fundar um Instituto para a evangelização dos mais abandonados. E no Instituto redentorista Nossa Senhora é venerada principalmente sob dois títulos:

- *Imaculada*, verdade na qual Afonso acreditava firmemente já cem anos antes da definição do dogma e que defendeu no seu primeiro e mais célebre dos Discursos (cf. *As Glórias de Maria*, em *Opere Ascetiche*, VII, 9-43). Fez também voto de defendê-la até o sangue e declarou-a celeste patrona do Instituto;
- *Nossa Senhora do Perpétuo Socorro* (Nossa Senhora da Paixão), cuja imagem foi confiada aos Redentoristas por Pio IX em 1865 para torná-la conhecida e amada no mundo. O título interpreta de modo emblemático o carisma do missionário redentorista, constantemente empenhado na evangelização.

“As santas missões não são outra coisa senão uma redenção continuada que o Filho de Deus está operando no mundo por meio dos seus ministros ...” (*Constituições* de 1764, I, 1).

Para responder a este sublime mandato interponham os méritos e a intercessão poderosíssima de Maria e dos SS. Apóstolos, os quais, junto com a Bem-aventurada Virgem, são os principais protetores de todos os missionários, especialmente do nosso Instituto” (*ibid.*, I, 5).

Eternamente predestinada, Maria abraçou, desde o ‘sim’ da Anunciação até o Calvário, o projeto redentor de Deus, tornando-se Corredentora e socorredora do gênero humano. Os Redentoristas, como Maria, são livres e prontos “ao serviço” da redenção, em plena disponibilidade para os mais pobres, para os mais pecadores.

Nas missões populares itinerantes, ao lado do pregador, não deve faltar nunca a imagem de Nossa Senhora; tampouco falta a pregação sobre o seu materno patrocínio. “É ela que prega a missão” – repetia muitas vezes Santo Afonso.

O próprio escudo da Congregação traz os monogramas de Jesus e de Maria (*Estatutos Gerais de 1982*, 6). Também o estilo de vida do Redentorista recorda este culto mariano: em todo quarto, habitado pelos confrades do Instituto, deve haver uma imagem de Maria.

O hábito religioso, crucifixo ao peito e rosário na cintura do lado esquerdo (*Constituições de 1982*, 45, 4) é sinal de identificação da espiritualidade redentorista (*ibid.*). Assim a meditação assídua sobre textos marianos, a reza diária do terço, as pequenas abstinências no sábado e nas vigílias das festas litúrgicas de Nossa Senhora (*ibid.*, 32), a Ave Maria rezada antes de começar um trabalho, confirmam a sólida e ao mesmo tempo terna devoção a Nossa Senhora. Afonso trazia com devoção o escapulário de Nossa Senhora do Carmo e divulgava o seu uso. Além disso recomendava aos congregados que pregassem todo sábado sobre Nossa Senhora. Esta tradição posteriormente foi um tanto condicionada pela liturgia da missa vespertina dominical.

Maria, perfeitamente unida a Cristo Redentor, solidária com as pessoas a salvar, verdadeiro ícone e início da Igreja, modelo de perfeição e de vida para todos, esperança viva, medianeira de todas as graças, advogada junto a Deus, é a imagem que resume a vida do apóstolo redentorista.

Maria, enfim, se apresenta aos jovens, sobretudo hoje, “Mãe verdadeira” como resposta à crise que envolve a sua vida, com todos os perigos. Maria não é algo de superado ou inatingível, frágil, irreal; é mais do que nunca jovem única e especial da família humana. Verdadeira juventude é a inocência do coração.

Maria, invocada Imaculada, cheia de graça, pronta ao Perpétuo Socorro, revela-se constantemente disposta a acolher, a proteger e a confortar todo aquele que entra a fazer parte da grande família redentorista.

Afonso Amarante

Metodij Dominik Trčka

Nasceu no dia 6 de junho de 1886 em Frýdlant nad Ostravicí na Morávia (atual República Tcheca). Em 1902 entrou no educandário dos Redentoristas da Província de Praga e no dia 25 de agosto de 1904 fez a profissão religiosa. Ao completar os estudos, foi ordenado sacerdote em Praga aos 17 de julho de 1910.

Durante os primeiros anos de sacerdócio dedicou-se às missões populares. Em 1919 foi nomeado para trabalhar entre os greco-católicos na zona de Halic na Galícia, e depois na Eslováquia, na eparquia de Prešov, onde fez um intenso trabalho missionário. Em março de 1935, foi nomeado pela Congregação para as Igrejas Orientais Visitador Apostólico das monjas basilianas de Prešov e de Užhorod.

Com a ereção da Vice-Província redentorista greco-católica de Michalovce, o Pe. Trčka foi nomeado vice-provincial (23 de março de 1946). Imediatamente cuidou da fundação de novas casas religiosas e da formação dos jovens redentoristas.

Na noite entre 13 e 14 de abril de 1950, o governo tcheco-eslovaco suprimiu todas as comunidades religiosas. Depois de um processo sumário, no dia 21 de abril de 1952, foi condenado a 12 anos de prisão, durante os quais sofreu extenuantes interrogatórios e terríveis torturas.

Transferido em abril de 1958 para a prisão de Leopoldov, em consequência de uma pneumonia contraída na cela solitária onde tinha sido encerrado por ter cantado um cântico de Natal, morreu no dia 23 de março de 1959.

Foi sepultado no cemitério da prisão, mas depois da restauração da Igreja greco-católica, no dia 17 de outubro de 1969, seu corpo foi trasladado pelos confrades para Michalovce, onde atualmente repousa na igreja redentorista do Espírito Santo.

Sua Santidade João Paulo II proclamou-o beato no dia 4 de novembro de 2001 na praça de São Pedro.

Missal redentorista

Missão

O termo 'missionário' significa literalmente "enviado". No mundo antigo, por missionário se entendia o soldado que percorria a cavalo distâncias enormes para levar uma carta ou simplesmente notícias. A origem teológica do termo, porém, é a tradução latina da palavra grega 'apóstolo'. O apóstolo era aquele que, uma vez recebido e interiorizado o ensinamento de Cristo, era mandado entre os hebreus e os pagãos para anunciar o "Reino de Deus".

No projeto de Santo Afonso e dos seus primeiros companheiros, a comunidade redentorista é comunidade apostólica que "continua" o Redentor entre os abandonados pregando a Palavra. A evangelização dos abandonados é a chave interpretativa de todas as escolhas da Congregação ainda hoje. A missão no sentido clássico do termo, isto é, como forma de apostolado, é uma forma de fidelidade a esta intuição.

Para Afonso, todos os homens são chamados à santidade. A santidade consiste no amor a Deus e na uniformidade à sua vontade. Na sua fragilidade, o homem pode afastar-se de Deus durante a caminhada terrena. Na ótica redentorista, a missão é uma forma de apostolado que permite, através da pregação da Palavra, voltar a Deus. Missão é portanto toda forma de apostolado para os abandonados.

A metodologia missionária é desenvolvida de maneira a atender as expectativas e necessidades dos abandonados. A missão redentorista é um encontro pastoral com os abandonados lá onde vivem. Ela é uma intervenção pastoral extraordinária onde não chega a pastoral ordinária.

A atividade missionária redentorista está centrada em torno de algumas palavras, como: 1. *Missões*: elas têm por fim o anúncio da Palavra de Deus entre os mais abandonados. Entre os que estão privados de auxílio espiritual, especialmente o povo da zona rural e dos povoados. 2. *Missão popular*: fala-se de missão "popular" porque a linguagem, o estilo utilizado pelos missionários, o horário das celebrações devem adaptar-se às exigências dos "últimos". 3. *Missão paroquial*: com esta expressão se entende o apostolado que os Redentoristas exercem nas próprias comunidades. Elas devem ser centros de acolhida, de catequese e de oração. 4. *Pregação*: é centrada principalmente em torno do amor redentor doado por Deus através de seu Filho Cristo Jesus. 5. *vida devota*: os missionários ensinam alguns atos para conservar a fé e os frutos da missão, como a visita ao SS.mo Sacramento, a reza do terço etc. 6. *Renovação da missão*: algum tempo depois de terem anunciado a salvação numa cidade, os Redentoristas voltam para consolidar o bem realizado e as conversões.

Todo religioso redentorista, quer trabalhe em terra de missão (cidade ou nação de um outro continente), quer exerça o seu ministério numa comunidade, é movido pela consciência do dever de evangelizar os mais abandonados.

Afonso V. Amarante

Morte

No léxico moderno a palavra ‘morte’ é essencialmente negativa e evoca com tristeza o fim de todas as coisas e de toda vida. São múltiplas as reflexões filosóficas que ao longo da história têm procurado uma sua racionalização.

Na visão alfonsiana da morte podemos notar logo e manifestamente o aspecto negativo e por conseguinte, o que esta negatividade comporta, ou seja, a conclusão, quer queira quer não, da existência terrena, que às vezes nos escritos do Santo parece ter um caráter só negativo, descrevendo-a como a triste conclusão da aventura humana. Na linguagem alfonsiana, ela implica ainda um outro aspecto, a saber, a conversão e a fugaz oportunidade para o cristão de valorizar o tempo presente para poder preparar-se para o encontro com o seu Senhor. É sabido, aliás, que o Santo escreveu uma obra que traz o título “Preparação para a morte”. Nela, enquanto o Santo parece demorar-se na descrição de um homem que está para morrer, ao menos na primeira parte, logo depois passa à necessidade de um total mudança de vida e portanto de um imediato retorno a Deus.

Francesco Ansalone

Música

A definição do termo ‘música’ apresenta não poucas dificuldades em razão da complexidade da própria natureza da matéria musical. Em geral, é ainda aceitável a que diz que “a música é a arte do som e do canto”. Hoje em dia, no conceito de música entra também o de linguagem. Aliás, a música é apresentada como linguagem universal não verbal. A aproximação da linguagem musical à falada se baseia no denominador comum de análogas gramáticas e sintaxes lingüísticas.

A música varia de um povo a outro, de uma época a outra. Em relação ao seu conteúdo, ao menos no Ocidente, normalmente ela é dividida em *gregoriano*, *polifonia* (por sua vez dividida em *antiga*, *nova*, *flamenga* e *renascimental*), *melodrama* (incluem-se nele as várias formas de música vocal) e *música instrumental*. Em relação aos períodos, ela é catalogada em música *medieval*, *renascimental*, *barroca*, *clássica*, *romântica* e *moderna*.

O canto gregoriano e a polifonia têm em comum a base modal enquanto são construídos sobre aquelas escalas particulares chamadas modos gregorianos ou tons eclesiásticos. *O melodrama e a música instrumental*, por sua vez, são considerados como músicas harmônico-tonais, porquanto são construídas sobre a base das tonalidades (maiores e menores) e da harmonia, que se desenvolveram a partir do século XVII. No século XX se quebrou a gramática tonal-harmônica, determinando o nascimento da *atonalidade* e da *serialidade* ou *dodecaфония* que se seguiu à saturação da harmonia, graças ao acorde de vigésima terceira teorizado por A. Vitale C.Ss.R.

No complexo panorama histórico da música, deve-se ainda ressaltar o aspecto popular e, principalmente o sacro, de que faz parte o filão alfonsiano-redentorista. Deste está sendo delineado o percurso histórico e está sendo reconhecida a íntima ligação com a evangelização específica. Com a expressão ‘filão alfonsiano-redentorista’ entendemos a produção que, nascida dos cânticos de Santo Afonso – *Canções e Dueto entre a alma e Jesus Cristo* –, desenvolveu-se até hoje na Itália e em todos os países do mundo, nos quais trabalham os Redentoristas.

A música alfonsiano-redentorista abrange formas populares e cultas. Substancialmente ela nasce como apoio às nossas atividades apostólicas. Neste sentido, tem exercido uma função pedagógico-didático ou de estratégia missionária (cf. Congresso internacional *Música e Estratégias pastorais da idade moderna* – Universidade de Roma “La Sapienza” 17-18/02/2006). A este respeito, deve-se dizer que ela, entre todas as músicas compostas nos séculos XVII-XIX para o mesmo fim, por enquanto permanece o único repertório

conhecido e estudado. Embora não seja litúrgica em sentido estrito, ela pode ser utilizada também para a liturgia. As canções da tradição alfonsiano-redentorista podem ser comparadas, idealmente e pelo conteúdo, aos Hinos didascálico-laudatórios da tradição cristã oriental e ocidental, à lauda franciscana dos séculos XII e XIII, à justiniana do século XIV e à filipina dos séculos XVI-XVIII.

A *Canção alfonsiana*, em particular, representou o modelo formal da análoga produção que se desenvolveu em escala internacional até hoje. Ela canta os momentos fundamentais da vida cristã e devocional (Natal, Paixão, Eucaristia, Maria, santos, etc.). Como resultado de uma tradição oral, ela pertence ao setor da *Etnomusicologia*. Determinou também a produção de obras musicais de considerável qualidade como, por ex., as cantatas oratoriais de A. Vitale. O seu estudo tem incentivado a pesquisa musicológica relativa à *cantata sacra* italiana do século XVIII. O cântico alfonsiano *Tu scendi dalle stelle* continua sendo a melodia por excelência do Natal cristão-católico.

Paolo Saturno

Natal

O lugar mais apropriado e qualificado da «aparicação» do amor de Deus é, para Santo Afonso, o Natal de Jesus Cristo. E é claro para ele que entre a manjedoura (Praeseptum) de Belém e o Gólgota de Jerusalém há uma linha direta e contínua, portanto uma perfeita identidade de conteúdos: a glória cantada pelos anjos na noite de Natal é a mesma anunciada pelo Evangelho de João na sexta-feira santa.

Diante do Menino Jesus Santo Afonso ficava como fora de si, em êxtase, repleto de alegria. Manifesta toda a sua delicadeza sem medida, na qual se percebe também o seu tipo de colóquio com Deus. É visível, propriamente, na atitude afetuosa que assume. Quem quiser saber quem é Deus, o observe diante do Menino no presépio: o puro amor. Um Santo Afonso assim, livre e maravilhado, talvez não se encontra jamais nos seus escritos, exceto nos que falam do Natal e justamente nas suas poesias natalinas (*Tu scendi dalle stelle, Quano nascete Nino, Bambino mio bellissimo, Fermarono i cieli, Ti voglio tanto bene*).

Podemos perceber quatro «sentimentos» que parecem caracterizar a atitude de Santo Afonso diante do presépio: o primeiro sentimento alfonsiano diante do Menino Jesus é a admiração. Admiração, antes de tudo, pelo que Afonso vê: um menino «entre panos... embrulhado» em cujo rosto resplandece o de Deus. Um menino-Deus descido «das estrelas ao frio e ao gelo», que abandonou a forma divina e assumiu, como se exprime o apóstolo Paulo, a de «servo». Mas por que tudo isto? O que pode levar Deus a «fazer-se homem»? O amor, responde Santo Afonso. Aquele menino-Deus que jaz na manjedoura no meio de animais é a expressão encantadora do fato de que Deus ama (v. Encarnação).

O outro sentimento de Afonso é a ternura: a sua afetuosa delicadeza pelo menino. Um nascimento, portanto, para atrair, para seduzir: «*Os meninos por si mesmos se fazem amar e atraem a si o amor de cada um que os olha*» (*Novena do Santo Natal, Disc. II*). A ternura alfonsiana não é um sentimento contemplativo; solicita uma resposta, desemboca na iniciativa da parte do homem de adorar o Deus que se fez menino.

Mas, a ternura alfonsiana se torna mais profunda num terceiro sentimento, desta vez doloroso: a compaixão. Está ligada à cruz, cuja sombra já se estende sobre o berço do menino. O amor de Deus não é uma exibição. Na manjedoura de Belém acontece o primeiro ato de uma história de amor que se concluirá dramaticamente no Gólgota, na derrota da morte. Na realidade, acima daquele berço está a idéia da missão, do múnus do qual se incumbiu o menino para reconduzir tudo à ordem do amor. Compadecer-se é habitar

com a pessoa amada tornando própria a sua dor: «a compaixão comporta pena», escreve. Amar não é questão de palavras.

Enfim, a gratidão: a resposta ao amor transcendente. Para Santo Afonso é questão de lógica e de coerência: a quem ama não se pode negar o amor. O apelo alfonsiano, como o evangélico, é dirigido ao coração, isto é, à liberdade. Só com a liberdade pode-se responder a Deus. Disto Afonso está convencido: o amor nunca pode ser forçado.

Mas se Deus não pode obrigar, pode esperar. Pode esperar que os homens se convençam do amor. O Natal de Cristo é, para Afonso de Ligório, o início confiante desta espera.

Antonio Pupo

Nicholas Charnetsky

Bispo, exarca apostólico de Volyn' e Pidljashja, nasceu em 14 de dezembro de 1884 na aldeia de Semakivtsi (Ucrânia Ocidental).

Aluno do Colégio Ucrâniano de Roma de 1903 a 1909, conseguiu o doutorado em teologia na Pontifícia Universidade Urbaniana. Ordenado sacerdote a 2 de outubro de 1909, ensinou filosofia e teologia no Seminário de Stanislaviv. Em 1919 entrou na Congregação do Santíssimo Redentor. A partir de 1926 foi missionário entre os greco-católicos em Volyn. Nomeado bispo titular de Lebed e Visitador Apostólico para os ucranianos católicos de Volyn e Podlachia, foi consagrado no dia 8 de fevereiro de 1931 na igreja de Santo Afonso em Roma.

Expulso de Volyn em 1939 quando houve a ocupação soviética, transferiu-se para Lviv. No dia 11 de abril de 1945 foi preso junto com todos os bispos greco-católicos. Condenado inicialmente a cinco anos de trabalhos forçados na Sibéria, a pena foi aumentada de mais dez anos. De 1945 a 1956 viveu em cerca de trinta lager e prisões soviéticas, tendo sofrido um total de 600 horas de torturas e de interrogatórios.

Libertado em 1956, foi levado para Lviv quase moribundo. Tendo-se recuperado de modo inesperado, chefiou de seu leito a Igreja católica ucraniana que sobrevivia nas catacumbas. Morreu em Lviv no dia 2 de abril de 1959, aos 75 anos. Está sepultado na igreja redentorista de São Josafá em Lviv.

Sua Santidade João Paulo II, durante a visita apostólica a Lviv, proclamou-o Beato junto com outros 24 mártires da Igreja greco-católica ucraniana, no dia 27 de junho de 2001.

Missal redentorista

Noviços

Os noviços são jovens, que, depois de uma intensa caminhada de fé e de um atento discernimento vocacional, pedem para poder fazer a experiência da vida na Congregação. Durante o noviciado, que em geral dura um ano, se esforçam por aprofundar e avaliar a autenticidade da sua vocação para seguir a Cristo e a conhecer a história, a vida e o espírito da Congregação, que aprendem a amar e a apreciar. Ajudados pelo Mestre e pela comunidade, seguem um intenso itinerário formativo que os empenha a amadurecer nas dimensões indispensáveis a um missionário redentorista. Antes de tudo, a maturidade humana: é necessário aceitar-se a si mesmo, os próprios limites e as próprias qualidades, para atingir um equilíbrio psico-afetivo do qual nasce um estilo de responsabilidade, de dedicação, de abertura, de diálogo, de partilha, de serviço humilde e desinteressado especialmente para com os mais abandonados.

Unido e proporcional ao precedente é o crescimento espiritual, que o noviço procura alcançar sobretudo através de uma autêntica oração pessoal e comunitária, uma busca contínua da vontade de Deus na própria existência e no fazer-se disponível para um contínuo processo de conversão.

Além disso, durante o noviciado, por meio das experiências de vida comunitária, os noviços são ajudados a crescer na vocação à vida fraterna, a fim de aprenderem a construir comunidades que sejam lugares de fé, de serviço e de mútua aceitação para tornar assim mais credível e eficaz o anúncio da Palavra da Salvação.

Não menos importante é o aprofundamento da vida redentorista através do estudo e da meditação: das Constituições e dos Estatutos da Congregação, da vida e da mensagem do fundador Santo Afonso Maria de Ligório e dos santos e beatos redentoristas, do grande patrimônio espiritual e apostólico que a Congregação amadureceu nos seus quase três séculos de vida.

Toda esta caminhada tem a finalidade de fazer os noviços crescer no amor de Cristo e levá-los a doar e a dedicar a Ele sem reservas a própria vida, para serem, junto com os outros irmãos Redentoristas, apóstolos audazes, simples e livres da Palavra de Deus, sobretudo entre os que são os mais abandonados do nosso tempo.

Antonio Perillo

Novíssimos

Na catequese aprendia-se esta palavra, mas depois a esquecemos, talvez a retiramos do nosso inconsciente. Foi-nos explicado que os novíssimos são: morte, juízo, inferno e paraíso. A palavra “novíssimos” em qualquer língua não é bem compreendida se nos falta uma certa base; com efeito, é um termo latino que significa “as últimas realidades”, aquelas que estão no fim de toda a história.

Nós normalmente vivemos experimentando as verdades penúltimas: o nosso estudo, o trabalho, a vida familiar, o compromisso cultural, a política ... Todas essas coisas fazem parte das realidades penúltimas. As realidades últimas são aquelas que se tornam definitivas: a morte é uma realidade definitiva porque é sem apelo, não existe a possibilidade de adiá-la ou de repeti-la; do mesmo modo o juízo, o inferno e o paraíso são realidades últimas, definitivas, são os “Novíssimos. Substancialmente correspondem àquilo que na teologia se chama de escatologia cristã. (“escatologia” é a ciência que trata dos “novíssimos”; é uma palavra grega em vez de latina).

À primeira vista este tema não parece uma bela aproximação ao diálogo de amor que nos une com nosso Deus. Todavia, estas palavras encerram o núcleo essencial da esperança cristã. Mas para compreender o seu significado fundamental é preciso evitar cair na atitude de vã curiosidade, por ex., saber quais serão os sinais que anunciam o fim dos homens, quantos serão os salvos e quantos os condenados etc.

A Bíblia não responde a estas curiosidades, não nos apresenta uma crônica dos eventos futuros. Hoje existem ainda os que pretendem ler o livro do Apocalipse (que é o livro da revelação final) como se fosse uma filmagem antecipada dos acontecimentos do fim... Estes acontecimentos do fim permanecem para nós um mistério: constituem o encontro definitivo com Deus, e como Deus é um mistério, o encontro com Ele permanece envolvido no véu do mistério. Como do rosto de Deus nós conhecemos muitos, mas não todos os traços – o amor, a misericórdia, a santidade – assim sobre o nosso futuro podemos saber algumas coisas, mas sobretudo podemos dar um conteúdo válido à esperança em relação ao que interessa ao nosso futuro.

Eis o que nos deve interessar: a atitude de esperança. Não é tão importante saber as coisas, mas sim esperar do modo justo. A Bíblia não nos dá informações sobre o futuro, mas exortações a caminhar rumo a um futuro de salvação.

Os novíssimos eram o núcleo constante das pregações “fortes”, aptas a mover o coração e a converter os ânimos dos fiéis endurecidos no pecado. A

tradição da pregação redentorista honrou este tema, suscitando numerosas e sensíveis conversões.

O próprio Santo Afonso, homem do seu tempo e não indiferente à vitalidade expressiva do barroco, apostrofava o povo simples e analfabeto com as técnicas “visuais” do seu tempo, as quais muitas vezes tomavam o lugar da leitura: por exemplo, mostrar a todo o povo a figura de um condenado depois da pregação sobre o inferno; terminando a pregação sobre a morte segurar na mão uma caveira, não para um “juízo fictício” mas para constatações muito realísticas ... (p. ex., antes era bonito ... e agora?...)

Santo Afonso, posteriormente, não mais se contentou com as “pregações fortes” e cerca do ano 1768 mandou imprimir um folheto de 28 páginas onde pedia aos pregadores que falassem, mais que dos novíssimos, sobre o santo amor que “inflama os corações”.

Salvatore Brugnano

Oração

«Deus não nega a ninguém a graça da oração, pela qual dele se obtém o auxílio para vencer toda tentação (...). E digo e repito, e repetirei sempre enquanto tiver vida, que toda a nossa salvação consiste em rezar;(...) rezai, rezai, e não deixeis nunca de rezar; porque, se rezardes, será certa a vossa salvação; mas se deixardes de rezar, será certa a vossa condenação». (*Do grande meio da oração, em Opere Ascetische*, vol. II, Roma 1962, p. 171).

Essas afirmações fortes e claras de Santo Afonso podem nos deixar perplexos e desorientados. Uma pergunta então nasce espontânea: Se não faço minhas orações, me condeno para sempre?

Rezar não é fazer as orações, dizer palavras, talvez recitando-as de cor ou lendo-as ... mesmo distraidamente. Rezar não se reduz a ler nos livrinhos, nos quais se encontram tantas orações. Rezar não é dizer o Pai nosso, a Ave Maria, o Glória ao Pai antes de dormir ...

Mas então, o que é a oração? Em que consiste rezar?

Santa Teresa de Ávila com poucas palavras exprime seu conteúdo mais profundo e genuíno: “A oração, para mim, não é outra coisa senão uma íntima relação de amizade, um freqüente entretenimento a sós com Aquele pelo qual sabemos que somos amados”.

Essa definição da oração nos diz que o diálogo entre Deus e o homem é uma experiência existencial, de vida vivida numa profunda amizade, mais ainda, é uma relação de filiação. A oração torna-se portanto a relação mais alta da realidade humana. E é por aí que se chega a entender a verdadeira essência da oração, que não se refere nem à duração nem à forma ou o modo de a gente rezar, mas antes ao reconhecimento e à consciência da presença de Deus na nossa vida e na história.

Rezar é encontrar-se com Deus, é deixar-se amar por ele, é amá-lo, é falar-lhe, mas sobretudo é escutá-lo, louvá-lo, agradecer-lhe, adorá-lo; é interceder pelos irmãos, é pedir com confiança qualquer coisa, certos do seu amor de Pai. Rezar, pois, não é dizer palavras, mas encontrar Deus. Rezar é querer estar com Deus, como dois amigos que passam o tempo a conversar, a conhecer-se, a apoiar-se. Rezar não se limita a dizer palavras, mas envolve a vida toda, porque permite a Deus entrar na própria existência.

Então se compreendem os apelos fortes de Santo Afonso sobre a necessidade da oração como fonte da salvação, porque rezar é encontrar, acolher Cris-

to Jesus e começar com ele um maravilhoso diálogo de amor que necessariamente transforma e muda a existência.

A oração que não leva à conversão do coração, da mente e das ações, não é autêntica. «Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus» (Mt 7, 21).

“O encontro autêntico com o Cristo muda a vida”: eis o objetivo da oração. Se a oração faz encontrar a Deus, então não se pode deixar de converter-se a ele, não se pode deixar de reconhecer o próprio pecado e arrepender-se de coração sincero.

Começa uma mudança radical da própria existência, onde a caminhada de fé e a vida cristã são sustentadas e nutridas na caridade e na misericórdia, pela força da oração.

Antonio Perillo

Oração Mental

A oração mental é como o oxigênio para a “vida no Espírito”, é o cenário indispensável da própria oração, que sem a meditação afinal se enfraquece. A oração mental é necessária a todos para perseverar na graça e para progredir na caridade. «É certo que um dos meios melhores para tornar-se santo é a oração mental, como dizem todos os mestres espirituais ... a luz, a força e o fervor que são necessários para caminhar rumo à perfeição, se adquirem na oração. Por isso todos os santos foram homens de oração» (*Reflexão aos Bispos, em Opere Complete*, vol. III, Torino 1847, p. 871).

Para Santo Afonso os conteúdos da oração mental são sempre as verdades que suscitam e reforçam a esperança, como a misericórdia de Deus, a sua bondade e o seu amor, os mistérios de Jesus Cristo, a intercessão de Maria, em particular a Paixão, porque aí, mais que em qualquer outro tema, se percebe o amor de Deus para com os homens. A paixão de Jesus é “a meditação boa para todos”. Assim podemos resumir brevemente o modo de fazer oração mental segundo Santo Afonso: 1. uma breve preparação (atos de fé na presença de Deus, de humildade e de pedidos de luz); 2. a meditação (considerando alguma verdade eterna e os Mistérios de Cristo, servindo-se habitualmente de algum livro); 3. Nascem da meditação três frutos: a. exprimir afetos (atos de fé, de agradecimento, de humildade, de esperança, mas sobretudo atos de amor e de contrição); b. rezar (pedindo a Deus principalmente amor e perseverança); c. resolução (a oração deve terminar com uma resolução concreta que envolve a vida).

E afinal a conclusão que consiste em agradecer a Deus pelas luzes recebidas, renovar o propósito de observar as resoluções tomadas; e pedir a Deus, pelo amor de Jesus e de Maria, a força de observar os propósitos feitos. (cf. *Regulamento de vida de um cristão, em Opere Ascetice*, vol. X, Roma 1968, p. 282-284).

Esse método que Santo Afonso sugere pode ser útil também para nós hoje, sobretudo se na meditação nos dispomos a “escutar” a Palavra, deixando que ela penetre na mente e no coração, para depois voltar a ele como oração.

O momento da oração é a resposta do homem que assim assimilou as potencialidades vitais da Palavra, por meio da meditação. Quando a Palavra, lida e meditada, consegue aquecer de amor a mente e o coração para Deus, é o momento de passar à contemplação, que faz repousar tranqüilamente o ânimo nele, numa comunhão de paz e de amor. Desta simples e profunda união, provocada pela meditação e pela oração, derivam muitos frutos que conduzirão necessariamente a uma conversão contínua e a uma vida vivida na caridade.

Antonio Perillo

Paixão

Com o termo ‘paixão’ indicamos, em geral, o ânimo envolvido pelos sentimentos, onde a racionalidade dá lugar às emoções. A psicologia nos acautela contra o perigo de neuroses: quem está envolvido pela paixão corre o risco de ficar louco. E geralmente é verdade que perdemos a cabeça, especialmente quando estamos enamorados.

Todos os exegetas concordam em dizer que a paixão é o momento central da história da salvação conforme a Sagrada Escritura; tanto assim que muitos afirmam que “o Evangelho é a história da Paixão do Senhor com uma longa premissa”. Então, por que usar uma palavra tão “inadequada” à Sabedoria de Deus para indicar o seu dom maior? Por que o Senhor literalmente perdeu a cabeça por causa do homem, Ele “tanto amou o mundo que lhe deu o seu Filho unigênito, para que não morra quem nele crê, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16). Para usar uma expressão de Santo Afonso, ele “é louco de amor” pelo homem.

Deus é a essência do Amor, que deseja tocar e transformar todo homem. Por amor se humilhou, antes na encarnação e depois na morte na cruz, para fazer a humanidade experimentar que não existe amor maior, mais verdadeiro do que aquele doado gratuitamente, não há verdadeira paz felicidade enquanto não nos tornamos servos uns dos outros.

Doar-se totalmente a alguém na prosperidade é simples, mas quando chegam as adversidades voltamos a ser racionais e a fazer cálculos. Na cruz contemplamos um amor que não conhece limites, um Deus que está pronto para a oferta total de si para nos dar a prova suprema do seu amor.

Afonso, nos seus escritos, insiste na dimensão pessoal da salvação. Na Via Sacra dirá: “Considera como Jesus Cristo, seguindo este caminho com a cruz às costas, pensava em ti, e para ti oferecia a Deus a morte, que ia sofrer”. Por ti... Somos pessoalmente interpelados por este amor tão grande. O caminho da santidade, então, não é mais um simples esforço para atingir altos cumes, mas se torna resposta agradecida e total a um amor doado totalmente e sem limites. Assim o termo assume o significado positivo de “apaixonar-se”, orientar todos os nossos recursos para responder concretamente a esta impressionante proposta de amor.

A transformação do mundo e do nosso coração passa através da contemplação daquele que transpassaram. Somos chamados a reconhecer neste rosto desfigurado o Redentor do mundo. Se, como o Centurião, temos a coragem de afirmar “verdadeiramente Este é o Filho de Deus”, também a dor e o so-

frimento perderão os traços foscos do absurdo e do desespero para encher-se de luz e de sentido. A nossa vida é dom, dom de amor e tem um sentido somente se é doada, só se nos tornamos sacrifício vivo em Cristo, só se nos tornamos misericórdia e perdão, “dom para”, dom gratuito para os outros.

Francesco Visciano

Páscoa

A Páscoa, como evento e como solenidade, constitui o centro em torno do qual se desenrola a história da salvação e o suceder-se do ano litúrgico.

Páscoa, no Antigo e no Novo Testamento, marca a intervenção de Deus em favor do seu povo, significada como “passagem” para a “libertação”.

No Antigo Testamento a Páscoa acontece em dois momentos:

- Deus “passa” e “liberta”, e permite aos hebreus “passar e ser “libertados” da escravidão.
- Deus finaliza a sua ação no dom da “lei” que tem seu vértice na “Aliança” do Sinai.

Esses dois momentos de uma única Páscoa são mencionados e revividos na celebração anual da Páscoa hebraica.

No Novo Testamento Jesus leva a cumprimento o significado antigo da Páscoa na sua pessoa, fixando-a também em dois momentos:

- Ele “passa” através da vida e da morte e “liberta” definitivamente a humanidade da escravidão do pecado.
- A sua obra de salvação é sancionada com o dom do Espírito Santo em Pentecostes.

Esses dois momentos, embora celebrados com solenidades litúrgicas distintas, fazem parte de uma só Páscoa nova, constituindo o início e a conclusão do tempo pascal.

Centro da Páscoa é o Tríduo “da beata paixão, morte e da ressurreição do Senhor”. Daí o valor fundamental das palavras de Paulo: “Cristo, nossa Páscoa, foi imolado” (1 Cor 5,7).

Nos escritos de Santo Afonso, a insistência no mistério da paixão e morte de Jesus é o seu ponto forte para se conhecer e viver o mistério pascal.

Se “a nossa Páscoa é Cristo imolado”, não se pode apresentar a Páscoa sem referência à imolação de Jesus, cordeiro sem mancha, oferecido pela salvação do mundo.

A Páscoa está presente na celebração dos sacramentos da Igreja, eminentemente na celebração da Eucaristia. Durante a celebração da Páscoa hebraica, Jesus instituiu a Páscoa nova, antecipando nos ritos do pão e do vinho, a oferta do seu corpo e do seu sangue na cruz. Dizendo aos discípulos: “Fazei is-

to em memória de mim”, prolongou no tempo, até quando ele voltar, a sua Páscoa sacrificial.

“A Igreja celebra o mistério pascal todos os oito dias, no dia que bem se denomina dia do Senhor ou domingo” (*Sacrosanctum Concilium*, 106).

Ciro Vitiello

Pedro Donders

Pedro Donders nasceu em Tilburg na Holanda, no dia 27 de outubro de 1809. Desde muito jovem, sentiu-se chamado ao sacerdócio, mas, devido à pobreza da família, foi obrigado a interromper os estudos e a fazer-se tecelão como o pai. Isto não o impediu de ensinar no tempo livre o catecismo às crianças e de exercer um influxo benéfico sobre os da sua idade. Assim viveu até os 22 anos, quando, com o auxílio do pároco, pôde entrar no seminário menor de St. Michiels-Gestel como seminarista-operário, pagando sua pensão com o trabalho.

Ordenado sacerdote no dia 5 de junho de 1841, pôde seguir a sua vocação missionária, partindo como voluntário para o Suriname, então colônia holandesa.

Nos primeiros 14 anos estabeleceu sua base operativa em Paramaribo, dedicando-se aos cerca de 2.000 católicos aí residentes, e visitando periodicamente os escravos das lavouras (em Paramaribo havia uns 8.000 e mais de 40.000 em todo o Suriname), entre as guarnições dos fortes militares, entre os índios e os negros.

Em 1856 ofereceu-se como voluntário do leprosário estatal de Batávia, onde residiu continuamente, salvo dois breves intervalos, durante 28 anos, cuidando daqueles pobres infelizes no corpo e na alma. Deixou-os só por alguns meses, em 1866, quando pediu para ser admitido entre os Redentoristas, aos quais fora confiado pelo Papa Pio IX o vicariato apostólico do Suriname. Vestiu o hábito religioso no dia 1º de novembro daquele ano e emitiu os votos no dia 24 de junho de 1867.

A profissão religiosa, associando-o a uma congregação essencialmente missionária, deu-lhe um sentido mais vivo do apostolado comunitário, permitindo-lhe deixar com mais freqüência Batávia para dedicar-se à conversão dos índios e dos negros.

Mas o nome de Donders fica ligado ao leprosário de Batávia, onde morreu, entre os seus leprosos, pobre entre os pobres, no dia 14 de janeiro de 1887, chorado como um benfeitor e invocado como um santo.

Sua Santidade João Paulo II o beatificou em São Pedro no dia 23 de maio de 1982, no 250º ano jubilar da Congregação do Santíssimo Redentor.

Missal redentorista

Perpétuo Socorro (Nossa Senhora do...)

A Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, que participa intimamente da economia da salvação, especialmente no mistério da Redenção operada por Cristo, coopera com o Filho para a salvação dos homens. Como consequência, é para todos a Mãe do Perpétuo Socorro.

Uma Imagem sua com este título, segundo uma antiga tradição, foi levada da ilha de Creta para Roma no final do século XV e colocada na igreja de São Mateus na via Merulana durante o pontificado de Alexandre VI. Aí foi venerada pelos fiéis durante cerca de três séculos. Destruída esta igreja sob o governo napoleônico, também desapareceu aquele ícone: até que, providencialmente reencontrada em 1866, foi confiada, por solicitude do Sumo Pontífice Pio IX, aos Redentoristas que a expuseram à veneração pública na igreja do Santíssimo Redentor dedicada a Santo Afonso.

Desde então o culto desta Imagem milagrosa foi crescendo sempre entre os fiéis, e agora é largamente difundido em todo o mundo.

Missal redentorista

PJVR

Pastoral Juvenil Vocacional Redentorista. O fundador dos Redentoristas, Afonso de Ligório, empregou todas as energias de sua vida para anunciar aos mais abandonados a alegria imensa da salvação, a possibilidade de uma vida nova, renovada pelo amor.

O carisma Redentorista, que encarna a intuição fundamental de Afonso e da comunidade das origens, apóia-se em dois elementos: 1. Seguir Jesus Cristo, o Redentor; 2. a pregação da Boa Nova e da copiosa Redenção aos que são abandonados.

E quem mais que os jovens, abandonados e marginalizados pelas grandes entidades educativas, têm hoje necessidade de acolher e viver juntos um projeto amplo de plenitude humana e espiritual?

Com a sigla PJVR a Congregação dos Redentoristas pretende oferecer um itinerário que leve os jovens a viver a alegria de descobrir que Cristo caminha com eles, se doa e oferece continuamente uma experiência de comunhão para dizer-nos que a vida tem sentido somente quando se torna dom para os outros. O assessor eclesial da Pastoral da Juventude pode ser definido como a resposta da comunidade cristã às necessidades dos jovens e ao mesmo tempo “a partilha com toda a comunidade do dom único dos jovens”.

A PJVR se propõe fundamentalmente três objetivos:

- estimular o crescimento completo, humano e espiritual, de cada jovem;
- convidar e encorajar os jovens a viver no mundo contemporâneo como discípulos de Jesus Cristo;
- incentivar os jovens a uma participação responsável na vida, na missão e na obra da fé católica da comunidade.

A proposta da PJVR que nasce desta inspiração se propõe promover uma programação criativa, participativa, flexível, adaptável e agradável, que seja apropriada ao crescimento. A PJVR deve ser caracterizada pelo calor de uma família, será intergeracional, multicultural e destinada à inserção, e promoverá a colaboração no interior da comunidade.

Daí se compreende que a tarefa essencial do ministério da PJVR é facilitar um encontro pessoal de oferta e de intercâmbio entre o jovem e a imensa “loucura” de Deus, e ponderar como esse encontro pode tornar-se fonte de um projeto (ou uma “vocação”) de vida para um jovem neste mundo.

A PJVR dará particular atenção àqueles jovens que se acham à margem da sociedade. É sua proposta estar com eles e ser para eles uma voz.

Sobre esta base, na prática a PJVR:

- convidará os jovens a experiências de vida e partilha comunitária com a comunidade apostólica redentorista;
- procurará adaptar-se e partilhar com os jovens de um modo “familiar” e criativo a Palavra de Deus, de modo que eles possam viver esta experiência como um encontro com o imenso e “louco” amor de Deus;
- promoverá encontros pessoais com os jovens e procurará fazer com que esses momentos possam tornar-se fonte de um projeto (vocação) de vida;
- convidará os jovens a participar de adequados programas de “serviço”;
- se esforçará para formar jovens líderes e incentivará e facilitará o exercício da liderança;
- promoverá o crescimento dos jovens, dando especial atenção às situações críticas.

A PJVR não é um grupo eclesial nem um movimento, mas um itinerário formativo humano e espiritual oferecido aos jovens que vivem em nossas comunidades, àqueles que encontramos nas missões e aos que livremente se aproximam de nossas realidades.

Em síntese, podemos dizer que por PJVR entendemos:

Por **Pastoral** entendemos um itinerário que parte da fragilidade humana que se realiza no encontro com Deus.

Por **Juvenil** entendemos sobretudo a faixa etária que vai dos 14 aos 23 anos.

Por **Vocacional** entendemos o discernimento do chamado pessoal que nos compromete a viver como verdadeiros cristãos.

Por **Redentorista** entendemos que o específico deste itinerário de fé segue os traços fundamentais da nossa espiritualidade, onde no centro do anúncio está o Cristo que doa a sua redenção gratuitamente a cada homem.

Michael Kelleher – Afonso V. Amarante

Postulantes e estudantes redentoristas

Quando um jovem, depois de um primeiro esclarecimento e acompanhamento vocacional, decide compartilhar da vida dos missionários Redentoristas, deve percorrer um roteiro de formação que o ajude a amadurecer e a crescer nesse projeto vocacional. Esse roteiro é constituído de várias etapas que marcam a descoberta e assimilação gradual da identidade e do carisma redentorista.

Para começar, há o período chamado postulante: aquela etapa do caminho formativo vocacional que se coloca imediatamente antes do noviciado. O próprio significado do termo indica o clima pedagógico de procura: postular, solicitar, pedir para poder entrar. A sua finalidade é acompanhar o jovem na sua primeira experiência de vida apostólica redentorista.

O postulante deve ser uma iniciação à vida comunitária, que possibilita conhecer-se e fazer-se conhecer em vista de um melhor discernimento vocacional, antes de entrar no noviciado. O postulante, com o acompanhamento do formador, verifica a idoneidade da sua vocação. Esta verificação supõe uma observação das atitudes e qualidades exigidas para a vocação redentorista, e também das motivações que sustentam essa decisão.

Quanto à sua duração, o Código de direito canônico se limita a dizer que «ninguém seja admitido ao noviciado sem uma adequada preparação» (*can.* 597, 2). Deixa que o direito particular de cada Congregação precise os limites de tempo e de conteúdo dos quais necessitam os candidatos nas diversas circunstâncias para considerá-los prontos para a admissão ao noviciado. Por isso, cada realidade dos Missionários Redentoristas, presente nas várias partes do mundo, oferece as condições necessárias a fim de que tal objetivo se realize.

Depois do noviciado, uma outra etapa importante é a do estudantado ou juniorado. Ele constitui um novo período de formação, que vai desde os primeiros votos até a profissão perpétua. É uma etapa de aprofundamento e de amadurecimento da iniciação à vida redentorista começada no noviciado.

Chama-se estudantado porque o estudo da teologia, em preparação para receber o Sacramento do Sacerdócio caracteriza a sua condição fundamental. A este respeito, no n. 87 das nossas Constituições se lê: «Os membros da Congregação que aspiram ao sacerdócio sejam formados de tal modo que se configurem à imagem de Cristo, sumo e eterno Sacerdote. Aprendam a aderir a Ele. Esforcem-se por aprofundar seu mistério total, pelo estudo científico e sistemático das ciências sagradas e por um conhecimento mais

profundo das ciências que tratam do homem. Terão igualmente participação intensa na vida comunitária e de maneira conveniente dedicar-se-ão ao apostolado missionário».

O estudante redentorista, neste período de formação, continua o crescimento e o amadurecimento do seu compromisso com Cristo na vida apostólica da Congregação. Através de um acompanhamento personalizado será ajudado a coordenar o estudo com a vida, as experiências apostólicas com a vida comunitária, integrando tudo na consagração a Cristo Redentor.

Maurizio Ianuário

Redentor

São múltiplas as estradas através das quais a Igreja procura penetrar o mistérios do Cristo, Senhor e Redentor. O Redentorista está convencido que todas precisam confluir no amor. «Obrigam-se os Redentoristas, seguindo sempre o magistério da Igreja, a serem, entre os homens, servos humildes e audazes do Evangelho de Cristo, Redentor e Senhor, princípio e modelo da nova humanidade. Este anúncio visa especialmente a copiosa redenção, isto é o amor de Deus Pai ‘que nos amou primeiro, e nos enviou seu Filho, como propiciação pelos nossos pecados’ (1Jo 4,10) e que pelo Espírito Santo vivifica a todos que n’Ele crêem (n. 6).

É um amor que não se deixa bloquear nem sequer pela recusa mais absurda: o da cruz. Olhando o Crucificado, o Redentorista encontra não a derrota mas a vitória pascal do amor. Faz sua a perspectiva inculcada por Santo Afonso na Prática do amor a Jesus Cristo: «Pôde dizer o grande amante de Jesus Cristo, São Paulo: *O amor de Cristo nos impele* (2Cor 5, 14). E quis dizer o Apóstolo que não tanto aquilo que Jesus Cristo sofreu, mas sim o amor que nos demonstrou ao sofrer por nós, nos obriga e quase nos força a amá-lo» (em *Opere Ascetice*, vol. I, Roma 1933, cap. I, n. 8, 5).

Porque é expressão de amor, a «redenção atinge o homem todo, aperfeiçoa e transfigura todos os valores humanos, para que todas as coisas sejam recapituladas em Cristo (cf. Ef 1, 10; 1Cor 3, 23) e conduzidas a seu fim: uma nova terra e um novo céu (cf. Ap 21, 1)» (*Constituições*, n. 6).

Por isso os Redentoristas não se cansam de anunciar que somente no Redentor «encontra verdadeira luz o mistério do homem ... revelando o mistério do Pai e do seu amor revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime» (*Gaudium et spes*, n. 22).

O Redentor é amor, que quer irradiar-se, comunicar-se, levando todos à plenitude e à felicidade. A sua *kênosis*, até o absurdo da cruz (cf. Fl 2,6-11), desmente todas as “suspeitas” com relação a Deus que nossa cultura tem acumulado: Deus não limita o homem, mas se faz dom incondicionado, que enche de esperança toda a nossa história.

Dedicando-se com toas as suas forças ao anúncio da “copiosa redenção”, todo Redentorista sabe, como repetia Santo Afonso, que é seu «dever principal» o de «deixar em cada pregação que faz os seus ouvintes inflamados do santo amor» (*Opere Complete*, vol. III, Torino 1847, 288).

Por isto, os Redentoristas procuram compreender o mistério do Redentor pondo-se sempre no lugar daqueles que mais necessidade têm dele, porque

mais marcados pelas conseqüências nefastas do pecado. O Redentor não é só quem devem anunciar, mas também quem devem «continuar» para que o anúncio seja autêntico. Compartilhar das dificuldades daqueles que têm mais empecilhos para abrir-se ao amor do Redentor, é sempre o primeiro passo para toda evangelização autêntica.

A vida cotidiana será indicada como o lugar em que o amor do Redentor atinge toda pessoa: enquanto dura, poderá abrir-se à esperança. Os pobres e os abandonados descobrirão a dignidade de batizados e a vocação à santidade.

Sabatino Majorano

Redentorista

Como substantivo, se refere a todas as pessoas que pertencem à Congregação (CSsR) ou à Ordem (OSsR) do Santíssimo Redentor, ou ainda a cada um dos diversos modos de consagração ou agregação: religioso, sacerdote, irmã ou leigo.

Segundo as Constituições CSsR, o religioso se define como servidor humilde e audaz do Evangelho de Cristo Redentor, fiel ao magistério da Igreja, que proclama de modo especial a copiosa Redenção. Testemunha do Evangelho da graça de Deus, reconhece a grandeza da vocação de ser humano e de todo o gênero humano, e vai ao encontro do Senhor ali onde Ele está presente e age de modo misterioso. Anuncia a Boa Nova do Senhor ou com o testemunho silencioso da sua presença fraterna, orante e serviçal, ou com o anúncio explícito e corajoso da Palavra de Deus. Considera-se apóstolo da conversão, que com a sua pregação procura levar as pessoas a uma escolha radical de Cristo, que suscita e forma ao mesmo tempo comunidades que sejam sinal da presença de Deus no mundo. Livre e disponível, desvinculado de toda situação ou compromisso, encarrega-se da procura incessante de novas iniciativas apostólicas no interior da Congregação do Santíssimo Redentor, ao serviço das necessidades da Igreja, universal ou particular. Procura interpretar os sinais da presença de Deus e da sua vontade através de um adequado conhecimento e experiência do mundo, um diálogo confiante com as culturas e a interpretação solidária das interrogações do homem.

As irmãs redentoristas, por sua vez, são religiosas contemplativas chamadas a transformar-se em Jesus Cristo de maneira radical, para chegar a ser, de modo pessoal e comunitário, memória viva do Mistério Pascal de Cristo Redentor. O seu estilo de vida é diferente do dos missionários, pois é marcado pelo caráter monástico e pela personalidade da sua fundadora, Maria Celeste Crostarosa. Todavia, exercem sua missão no mundo em íntima união com os membros da Congregação do Santíssimo Redentor, já que compartilham da origem, do nome, da espiritualidade e de verdadeira fraternidade.

Em terceiro lugar, os leigos são pessoas ligadas à comunidade redentorista de modo particular, em geral, com base no seu compromisso na Igreja e na sua intensa participação na sua vida apostólica. São pessoas que enriquecem a sua identidade leiga ao serviço da Igreja com a dimensão missionária e a espiritualidade redentorista. O seu compromisso consiste em participar da missão da Congregação, concretizada nas prioridades pastorais de cada Unidade.

Come adjetivo, coincide com a ação evangelizadora dos Redentoristas, é sinônimo de “missionário” e manifesta o carisma que Santo Afonso trouxe à Igreja universal a partir de 1732. Exprime uma forma de evangelização específica: dinâmica, criativa, profética, corajosa, simples e atingível, que responde às urgências pastorais da Igreja e se destina de modo particular aos mais pobres e abandonados. Redentorista, portanto, mais que uma determinada atividade, indica um dinamismo missionário, a evangelização propriamente dita, ao serviço dos homens e dos grupos que para a Igreja e para as condições sociais são mais pobres e necessitados.

Laureano Del Otero

Religioso

Termo que indica a pertença de uma pessoa a uma religião. A partir do século VI, no âmbito católico, o uso desse título servia para fazer referência às pessoas que professam de forma solene e pública os votos de pobreza, castidade e obediência numa Ordem religiosa tornando-se monges (monjas) ou frades.

Posteriormente, o termo 'religioso' é utilizado para designar os que pertencem a Congregações religiosas como a nossa, que é denominada do Santíssimo Redentor. Querendo fazer uma distinção, temos dois tipos de Congregações: clericais e laicais. Esta subdivisão é expressa com base nos membros se são principalmente sacerdotes ou leigos.

As Congregações religiosas nascem a partir do século XVII. Inicialmente não eram obrigadas a viver um estilo de vida monástico típico das Ordens religiosas. Esta substancial característica Santo Afonso a considerava muito importante para a sua Congregação nascente, porque permitia aos seus membros ser mais livres da "rigidez monástica", de modo a exercer, com mais "elasticidade", o seu ministério sacerdotal - missionário.

Na linguagem eclesiástica comum, a categoria de religioso, identifica as irmãs e os irmãos coadjutores – leigos ou aqueles que não podem receber o sacramento da ordem porque são mulheres ou porque a sua vocação não é orientada para a ordenação sacerdotal.

Em nossa família religiosa, um irmão coadjutor de particular importância é São Geraldo Majela. Aos 23 anos, ele decidiu abraçar o caminho da santidade vivendo na Congregação dos Missionários Redentoristas.

Para aprofundar este termos, consulte as palavras: postulantes, estudantes Redentoristas e noviços.

Aldo Savo

Responsabilidade

Literalmente, o termo ‘responsabilidade’ indica a resposta e a capacidade de responder a uma palavra que nos é dirigida. Não é certamente como responder à campainha ou ao telefone, porque esta palavra é um apelo feito à nossa consciência que não nos deixa indiferentes, mas envolve todo o nosso ser e exige uma contra-palavra, uma resposta. Com efeito, no âmbito civil, definimos responsável uma pessoa que assume um compromisso e, através de suas escolhas, é capaz de realizar os projetos. No campo teológico, indicamos com o termo ‘chamado’ ou ‘vocação’ o apelo que nos é proposto. E a resposta nos faz responsáveis num duplo sentido: como aquele que pode responder e aquele que deve responder. Esta distinção, ainda que sutil, não é pura teoria, porque coloca dois grandes problemas:

1. *O grande drama de Deus: a resposta do homem:* embora sejamos criaturas, Deus não nos criou como bonecos para sua diversão, mas desde sempre nos quis, como pessoas capazes efetivamente de entrar num diálogo de amor com Ele. Para este fim deu-nos a liberdade, a inteligência, a consciência, os sentimentos, a vontade. Então, quando respondemos, somos realmente capazes de entrar em relação com Ele. O projeto de Deus desde a criação é de “passear ao nosso lado” no jardim do Éden. Mas a resposta do homem muitas vezes renega essa relação. Toda a história da salvação é um contínuo apelo de Deus que, na sua fidelidade, grita a cada momento e de todos os modos possíveis o mesmo apelo: “Adão (=homem), onde estás?”. E, como um enamorado, espera trepidante de cada um de nós uma resposta, ou seja, que sejamos responsáveis.
2. *O grande drama do homem: o pecado:* o homem, porém, muitas vezes erra a liberdade. Da possibilidade de ser defronte de Deus, criamos uma outra, a de ser contra Deus, longe dele, sem Ele. Assim nasce o absurdo do homem, o pecado. Deus é Vida, Amor, Felicidade... longe dele somos votados à morte como o filho pródigo que, esgotados os seus bens, torna-se escravo e já não tem nem sequer a possibilidade de nutrir-se (=permanecer vivo) como o mais impuro dos animais.

Desta última afirmação deduzimos que a verdadeira responsabilidade deve ser entendida como obediência: com efeito, a nossa liberdade não é nunca absoluta (=solta). No momento em que se ativa numa escolha, torna-se sempre responsabilidade. Em suma, no momento em que escolhemos, percebemos que respondemos sempre a um apelo de Deus.

Mas como caracterizar a responsabilidade? Ela é o resultado de duas consciências e de duas liberdades que se encontram para se escolherem num diálogo de amor. A síntese deste roteiro nós o encontramos na pessoa de Jesus Cristo. Ele é, por um lado, Verbo eterno do Pai, chamado radical ao projeto de viver no amor; e, por outro, resposta na obediência total que realiza tal projeto. Mais ainda: Cristo, assumindo a nossa carne mortal, liberta a nossa liberdade, porque humaniza o divino e diviniza o humano, portanto nos torna realmente capazes de responder ao amor de Deus.

Jesus se torna, pois, o modelo a seguir para construir a nossa responsabilidade. O sim dado a Deus não é nunca um ato pontual. Não respondo ao amor de Deus uma vez por todas. A resposta dá a orientação (= opção fundamental), mas deve ser continuamente confirmada e acrescentada na fidelidade à palavra dada (= opções particulares). Jesus (= Deus salva) atua um círculo virtuoso, alternando incessantemente palavras e obras de salvação à procura do diálogo íntimo com Deus. E a oração reorienta e radicaliza sempre mais as suas escolhas até o momento em que, no Getsêmani, compreende plenamente que realizar o amor custa o sacrifício total de si. Se o Amor é dom total, deve-se fazer da própria vida um dom, tornar-se Eucaristia, pão partido para a salvação de muitos.

Escolher responsabilmente é inevitável para que nos tornemos aquilo que escolhemos ser. Podemos escolher “por” (Deus e os outros) e tornar-nos responsáveis; podemos escolher “contra” e nos tornamos incoerentes. Mas se não escolhemos nada, nos tornamos uma nulidade.

Francesco Visciano

Sacerdote redentorista

Do seu povo o Senhor escolhe alguns homens e os reserva para si, renovando neles a efusão do Espírito Santo: esses são os sacerdotes. O sacerdote é chamado a ser a presença viva de Jesus Salvador, vivendo na própria existência os mesmos sentimentos e atitudes dele. Recebendo o sacramento da Ordem, ele se torna sinal de Cristo Ressuscitado. Torna visível a sua presença invisível.

A grandeza de ser sinal aparece em certos momentos particulares do seu ministério, como a celebração da Eucaristia: quando ele parte o pão, é Cristo que o parte e o oferece com as suas mãos. Também, quando absolve dos pecados, é o mesmo Cristo que acolhe e reconcilia o pecador. Cristo se serve dele como instrumento vivo de amor e de misericórdia para a humanidade. Tudo isto o sacerdote redentorista o vive e o atua com um grande dinamismo missionário, que lhe deriva do seu carisma. Forte na fé, alegre na esperança e fervoroso na caridade, inflamado no zelo, faz do anúncio explícito do Evangelho a sua razão de ser.

Nutrido abundantemente da Palavra de Deus que deve anunciar, examina os problemas e os apelos do mundo com o qual a Igreja é chamada a confrontar-se, procurando dar, junto com seus confrades, uma resposta adequada. Cuida de estar próximo do povo, realizando uma concreta acolhida e abertura ao povo. Portanto, torna-se presente com a simplicidade de vida e de palavra lá onde a pessoa é abandonada a si mesma. Ele vive sempre a opção pastoral pelos pobres. Junto com este anúncio, sente como importante o dedicar-se ao ministério do sacramento da reconciliação.

No contato com os abandonados espiritualmente, o sacerdote redentorista, como Santo Afonso, está convencido de que a pregação substanciosa e simples e o atendimento misericordioso e paciente das confissões constituem os eixos de toda ação pastoral. Com efeito, escreve Santo Afonso: «Ao pregar, se lançam as redes, mas ao confessar se puxam para a praia e se apanham os peixes». O sacramento da confissão tornou-se para ele, assim, o momento particularmente intenso da formação da consciência dos fiéis, no qual é anunciado e celebrado, de modo maravilhoso, o Evangelho da Misericórdia de Deus em Cristo Jesus. Perseverante na oração e no dom de si, o sacerdote redentorista, como homem apostólico, está sempre pronto para enfrentar qualquer sacrifício para levar aos homens a abundância da redenção de Cristo (cf. *Constituição*, n. 20).

Maurizio Januário

Santidade

A santidade é Deus. Ele é o único Santo.

O homem foi criado à imagem do “Santo”, à imagem de Deus. Por isso o homem é um sinal, o sinal mais vivo e imediato, da santidade de Deus. Diz o Senhor: “Sede santos, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (*Lv 19,3*).

Portanto, quanto mais o homem se aproxima de Deus, mais é santo.

A santidade não é uma virtude, é a entidade constitutiva do homem. O que deturpa a imagem da santidade de Deus na sua alma e degrada a dignidade da sua pessoa, é o pecado.

O pecado é “impiedade”, é a recusa de reconhecer Deus como Deus. O pecado cria uma barreira de separação, que não permite a Deus transmitir ao homem o seu hálito de vida.

Jesus religou o liame rompido pelo pecado, e garantiu uma estabilidade de relação, infundindo no coração do homem reconciliado o Espírito Santo. O Espírito, sendo Santo, opera a santidade.

Por isso, todos somos chamados à santidade. Paulo o afirma solenemente: “Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (*1 Ts 4,3*). Porque:

- somos criados à imagem de Deus;
- Deus nos transmite a sua vida;
- somos remidos pelo sangue de Jesus Cristo;
- habita em nós o Espírito Santo.

Santo Afonso recolhe toda a doutrina bíblica sobre a santidade no seu livro *Prática do amor a Jesus Cristo*: “Deus quer todos santos, e cada um no seu estado, o religioso como religioso, o secular como secular, o sacerdote como sacerdote, o casado como casado, o comerciante como comerciante, o soldado como soldado, e assim por diante, com referência a cada estado”.

Qual é a prática concreta para se tornar santo? Santo Afonso, resumindo a ascética dos Santos e Doutores da Igreja, a concentra no amor: “Toda a santidade e a perfeição da alma consiste em amar Jesus Cristo nosso Deus, nosso sumo bem e nosso Salvador”.

O amor a Jesus Cristo é proposto como o calor que funda, sustenta, valoriza, preside, retifica, finaliza toda a vida cristã. É do amor a Jesus Cristo que nasce tudo o que reveste o caráter de autêntico componente da santidade e da

perfeição. Por isso, quem ama Jesus Cristo ama o sofrer; quem ama Jesus Cristo ama a doçura, a benignidade, a mansidão; quem ama Jesus Cristo não deseja outra coisa senão fazer sempre o que ele quer; quem ama Jesus Cristo foge da tibieza e cresce no desejo de ser totalmente de Deus; quem ama Jesus Cristo vive a comunhão com ele na oração; quem ama Jesus Cristo foge do amor próprio e se mantém na humildade; quem ama Jesus Cristo ama o próximo com o mesmo amor de Jesus Cristo; quem ama Jesus Cristo vive uma vida de grande fé e de firme esperança; quem ama Jesus Cristo não se deixa jamais vencer pelas tentações e abater-se pela fraqueza do Espírito.

Conclui Santo Afonso: “De tudo o que ficou dito, vede quanto é necessária a virtude da caridade para tornar-se santo”.

Ciro Vitiello

Seguimento

“Segue-me”, “Segui-me” é a palavra que caracteriza o chamado dos primeiros discípulos, a começar por Pedro e André: Jesus «viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão. Estavam lançando as redes ao mar, pois eram pescadores. Jesus disse-lhes: “Segui-me e vos farei pescadores de homens!” Eles deixaram logo suas redes e o seguiram. Mais adiante viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão. Estavam na barca com seu pai Zebedeu, consertando as redes. Jesus os chamou. Eles logo deixaram a barca e o pai e o seguiram» (Mt 4,18-22). Gradualmente este viver com Jesus se transforma em pensar como ele, raciocinar como ele, decidir como ele, agir como ele.

Este convite ao seguimento continua a caracterizar a vida de todo batizado. De fato, a fé não significa simples assentimento a uma doutrina, tanto menos a uma ideologia, mas comunhão de amor com Cristo, que, pela força do Espírito, plasma gradualmente toda a vida, fazendo-nos pensar e agir como ele e tornando-nos suas alegres testemunhas.

A vocação à vida religiosa sempre tem sido vista pela Igreja como um chamado a um seguimento mais radical de Cristo. Com os votos, o religioso compartilha de sua opção de pobreza, castidade e obediência, pondo-se, com ele e como ele, ao serviço do Reino: «Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me » (Mt 19,21).

Ao longo da história, tem havido diversos modelos, nos quais se exprime o seguimento: às vezes a ênfase é posta nos gestos concretos de Cristo (imitação), outras vezes se insiste nas atitudes; para alguns era prioritária a perspectiva moral e ascética, para outros, a mística e de participação; a preocupação de fundo foi às vezes a da perfeição pessoal, outras vezes o serviço caritativo e o apostolado. Esta diversidade se explica, não só pela riqueza e complexidade do seguimento, mas também pela exigência de dever testemunhar o seu valor fundamental em resposta às possibilidades e aos desafios dos contextos sociais, sempre em evolução.

Na história da família redentorista, a começar pelas origens, essas diversas acentuações se entrelaçam e se enriquecem reciprocamente. A perspectiva unificadora é a alfonsiana do seguimento do Cristo missionário para os abandonados, compartilhando atitude, estilo de vida, opções concretas. Desta maneira o seguimento se torna “continuar” na história a modalidade na qual Cristo viveu entre nós e para nós, a começar pelos pobres, como anúncio e dom de salvação. Trata-se, portanto, de um imitar, que é fruto de par-

ticipação, em total abertura ao Espírito que nos faz continuar, na novidade das situações, o mesmo caminho do Cristo (cf. *Lumen Gentium*, n. 8).

A inspiração missionária do seguimento se funde, pois, com a sua profundidade pessoal de assimilação e de comunhão, como sintetiza a Const. 20: «Fortes na fé, alegres na esperança, fervorosos na caridade, inflamados no zelo, humildes e sempre dados à oração, os Redentoristas, como homens apostólicos e genuínos discípulos de Santo Afonso, seguindo contentes a Cristo Salvador, participam de seu ministério e anunciam-no com evangélica simplicidade de vida e de linguagem, pela abnegação de si mesmos, pela disponibilidade para as coisas mais difíceis, a fim de levar aos homens a copiosa redenção».

Afonso V. Amarante

Teologia moral

O aprofundamento da teologia moral sempre tem sido visto pelos Redentoristas como um componente importante da sua missão. Não se pode anunciar o amor misericordioso de Deus em Cristo, sem anunciar ao mesmo tempo como acolhê-lo e como responder-lhe.

Nos Estatutos Gerais pede-se a todos os Redentoristas que «se dediquem de modo especial ao estudo da teologia moral e pastoral, bem como da espiritualidade, segundo a história e índole da Congregação» (n. 023). Santo Afonso pensava que quem era nomeado para ensinar a teologia moral «há de ser o melhor membro da Congregação, porque para nós a Moral é a ciência mais necessária» (*Lettere* I, Roma 1887, 598). Aliás, grande parte da sua vida foi dedicada justamente ao aprofundamento da teologia moral, juntando as exigências da verdade com as da historicidade muitas vezes dramática do homem.

Para os Redentoristas fazer teologia moral tem um caráter claramente pastoral. Isto não significa abrir mão das exigências científicas próprias do discurso teológico, mas deixar-se interpelar constantemente pela realidade para nela discernir a presença do Espírito, que está levando à plenitude o plano de salvação do Pai em Cristo. É o caminho delineado pelo Vaticano II na *Gaudium et spes*.

Também na teologia moral os Redentoristas estão convencidos de dever «continuar o exemplo» do Redentor evangelizador dos pobres: compartilhando alegrias e esperanças, e igualmente sofrimentos e derrotas, querem anunciar-lhes a possibilidade de libertação e de plenitude que o Cristo nos doa com o seu Espírito.

Daí a característica de benignidade pastoral com que é elaborada a proposta moral: «a alegria e as exigências do caminho do Cristo» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1697) são especificadas pela contexto da pessoa chamada a vivê-las, começando por aqueles que são mais fracos. E isto não para relativizá-las, mas para que possam ser acolhidas como alegria e exigências tornadas possíveis pela graça: «Já que Deus nos amou primeiro (cf. 1Jo 4,10), o amor agora não é mais apenas um “mandamento”, mas é a resposta ao dom do amor, com o qual Deus vem ao nosso encontro» (*Deus caritas est*, n. 1). Referindo tudo ao mandamento do amor, os Redentoristas se esforçam para conseguir que a proposta moral faça experimentar que «o “mandamento” do amor torna-se possível porque não é somente exigência: o amor pode ser “mandado” porque antes é doado » (*ivi*, n. 14).

A verdade moral será proposta como “remédio” para o homem ferido pelo pecado: quer curá-lo, dar-lhe novo impulso, projetá-lo para a santidade. O ponto de referência será sempre a «conduta do Redentor», como não se cansava de repetir Santo Afonso: «Considerando a presente fragilidade da condição humana, nem sempre é verdade que seja mais seguro conduzir as almas pelo caminho mais estreito, enquanto vemos que a Igreja tem condenado mais vezes tanto a excessiva liberdade como o excessivo rigor » (*Theologia moralis*, II, Roma 1907). João Paulo II na carta *Spiritus Domini* cita essas afirmações para ressaltar que Afonso foi «o renovador da moral» e acrescenta que se trata de «admiráveis palavras » [AAS 79 (1987) 1367-1368].

Na proposta alfonsiana, toda a vida moral deriva da memória, renovada constantemente sobretudo na oração, da “antecipação” do amor de Deus em Cristo. Basta ler os primeiros capítulos da Prática do amor a Jesus Cristo com a sua insistência na economia de «dom» com que Deus procura «cativar-se» o coração do homem. Então o imperativo moral poderá ser experimentado como coração que impele a responder. Porque reconhecida e dita pela consciência. A lei moral não se oporá à liberdade, mas lhe indicará o caminho da autêntica realização em solidariedade com os outros.

Sabatino Majorano

Uniformidade à vontade de Deus

O tema da uniformidade à vontade divina faz parte, na teologia espiritual, de um tema ainda mais vasto e tanto mais difícil, que é a união com Deus, como se alcança, quando acontece, itinerário, meta, meios, etc...

O tema da uniformidade à vontade de Deus é um dos mais peculiares na linguagem do Santo Doutor, abundantemente usado, sobretudo na *Prática do amor a Jesus Cristo*, mas também na *Preparação para a Morte* ele indica a perfeita união da vontade humana à divina, pela qual já não são duas vontades mas uma só. E esta, ensina o Doutor Zelantíssimo, é a plenitude do amor. Na *Preparação*, cap. XXXVI, assim escreve: «Toda a nossa salvação e toda a perfeição consiste em amar a Deus. Quem não ama não tem vida (1Jo 3,14). A caridade é o vínculo da perfeição (Cl 3,14). Mas a perfeição do amor consiste no uniformar a nossa à divina vontade; pois este é o efeito principal do amor: unir a vontade dos amantes».

Francesco Ansalone

Vida Apostólica

Olhando ao redor de nós, descobrimos (às vezes com surpresa) que cada um de nós está procurando construir um estilo de vida, influenciado talvez pelas mensagens que lhe chegam de fora. Com sempre maior frequência se encontram jovens que impostam o seu estilo de vida inspirando-se nos astros do momento e dos campeões mais badalados. A primeira manifestação desse estilo de vida, em geral, é adotar um visual externo (roupas, cabelo ...) imitando esses personagens.

Com a expressão «vida apostólica» o Redentorista entende essencialmente um estilo de vida que segue (continua) o exemplo de Cristo Redentor»: uma vida que compreende a um só tempo a vida especialmente dedicada a Deus (= o Redentorista se consagra a Deus pelos votos religiosos) e a obra missionária com as mil formas possíveis.

A finalidade da vida apostólica é o anúncio do Evangelho, especialmente aos pobres com os quais Cristo quis identificar-se, e viver o mesmo Espírito que animava a primeira comunidade dos apóstolos, como se lê no livro dos Atos (cf. *At 2,42-47*). Esta referência bíblica é passagem obrigatória para a reflexão pessoal comunitária do Redentorista.

Portanto a missão do Cristo Redentor é a razão de vida do Redentorista. Com a profissão dos votos religiosos ele se associa à missão de Cristo e a profissão religiosa permanece o ato decisivo de toda a sua vida missionária: escolhe o celibato, abraça a pobreza e se submete à obediência para dedicar-se “com plena liberdade” à missão de Cristo. Pela pobreza o Redentorista se sente obrigado à lei do trabalho e, junto com seus confrades, testemunha a pobreza evangélica pessoal e comunitária, mantendo um teor de vida conforme ao dos pobres. Tem ademais o dever de solidarizar-se com os pobres, promovendo os seus direitos fundamentais e fazendo suas as legítimas aspirações deles.

Claramente é um estilo de vida influenciado pelo evento-Cristo, tendo necessariamente no centro a pessoa de Cristo: viver como Jesus, agir como Jesus. A exemplo de Cristo, pois, o Redentorista anuncia a abundância da Redenção, vivendo em fraterna solidariedade os problemas do homem.

Adotando esse estilo de vida, o Redentorista acaba tornando-se a pleno título companheiro e ministro de Jesus Cristo na obra da Redenção e participa da missão da Igreja que é «sacramento universal de salvação».

O aspecto de seguimento de Cristo (seguir a Cristo, continuar a agir como ele agiu) propõe portanto a mesma estrada percorrida por Cristo: estrada da castidade pelo Reino, da pobreza e da obediência, estrada do anúncio di-

reto e explícito do Evangelho ou – quando isto não é possível – do testemunho silencioso.

O anúncio e o testemunho de Cristo marcam o estilo apostólico da vida do Redentorista: ele se compromete a ser um humilde e audaz servo do Evangelho, consagrando para este fim todas as suas energias e pondo em comum os dons e carismas pessoais.

Não se pode falar de vida apostólica no Redentorista se ele se aliena do mundo e das suas expectativas ou se se refugia num devocionalismo que é fim para si mesmo. É necessário que dê testemunho: o testemunho da Palavra, o testemunho da esperança que está nele, o testemunho da conversão (o primeiro chamado a converter-se é justamente ele), testemunho do zelo apostólico para com os fiéis ...

Esse estilo de vida apostólica encontra a sua fonte e o seu ápice na liturgia e especialmente na Eucaristia: nela o Redentorista encontra presente, para revivê-lo, o mistério de Cristo Salvador dos homens e encontra aquelas energias necessárias para a solidariedade missionária que o impele para os irmãos. O Redentorista considera a Eucaristia sinal da solidariedade missionária e com a oração pessoal e comunitária acresce o Espírito missionário.

O estilo de vida apostólica comporta o viver e trabalhar em comum, uma simplicidade de vida e de linguagem, uma simplicidade e sinceridade de coração. Os Redentoristas exercem a sua missão na Igreja reunidos em comunidade e são todos responsáveis por esta missão.

Salvatore Brugnano

Vocação

O termo significa literalmente chamar, convocar, convidar. Comumente com esta palavra entendemos a resposta da parte do homem ao chamado de Deus.

Na Bíblia com este termo se quer designar uma relação profunda entre Deus e o seu povo. A vocação recorda sobretudo o chamado à vida. É um convite divino a continuar a obra da criação. No Antigo Testamento a vocação indica que um homem foi escolhido por Deus para um ofício ou uma missão. Nos Evangelhos Jesus chama os seus discípulos para segui-lo e para continuar a sua missão.

Atualmente o conceito de vocação recorda que todos são chamados e cada um responde segundo as próprias capacidades. A vocação não é nunca um fato terminado. Cada escolha autêntica obriga a pessoa todo dia a redescobrir os motivos da escolha e a renová-los.

Do ponto de vista teológico se recorda que a palavra vocação é atribuída a todo tipo de vida. Cada pessoa é objeto do amor pessoal de Deus que o chama à santidade. O homem não só tem uma vocação, mas é vocação. Sobre essa base o discurso 'vocação' é articulado de maneira diversificada:

- **a vocação à vida:** é o chamado universal. Todo homem é chamado a um desenvolvimento, porque toda vida é vocação.
- **a vocação cristã:** o chamado a realizar a própria vida em Cristo e na Igreja em nível pessoal e comunitário.
- **as vocações específicas:** o chamado particular marcado pela radicalidade da resposta ao dom de Deus (sacerdotal ou religiosa).

Os elementos constitutivos da vocação podem ser assim sintetizados: a eleição, o chamado, a missão, a assistência. Quando Deus chama realiza uma eleição. Esta se exprime através de uma palavra dirigida ao homem. Com o chamado Deus confia uma missão. Esta missão tem necessidade da assistência divina, que consiste no ato de Deus de atender às dúvidas e necessidades do homem no caminho exigente da resposta.

No pensamento alfonsiano Deus chama toda pessoa à santidade e lhe confere uma vocação específica, e o modo de realizá-la. O Santo convida, pois, cada um a descobrir o projeto de vida que Deus tem para a sua pessoa e a realizá-lo escutando a vontade de Deus. Convida também a agradecer a Deus e a amar a própria vocação. Conforme Santo Afonso, a vocação é a manifestação da vontade de Deus na vida homem e é preciso o dom da perseverança para realizá-la. Ele destaca que o lugar privilegiado cabe à vocação religiosa. O es-

tado religioso é mais conforme à vida de Jesus. Por isso, quem se sente chamado e não responde à vocação compromete a própria salvação.

A PJVR recorda que a vocação não é algo de exterior ao homem, mas é antes algo que revela a profunda base do mistério da sua existência. A nossa vocação e a nossa felicidade consistem em levar à plenitude o amor. A vocação do homem é definida por três realidades: Deus que o chama à vida, a comunidade na qual nasce e a sua própria pessoa que é o meio para realizar a vocação que Deus lhe confiou.

No seu apostolado a PJVR procura fazer os jovens descobrir que a vocação cristã é o ser discípulo de Jesus Cristo. A PJVR no processo de acompanhamento dos jovens quer ajudá-los a fim de que compreendam através do discernimento as diferentes vocações específicas nas quais se concretiza a vocação cristã. Dentro desse processo, chegado o momento, se dará especial atenção à vocação específica redentorista. A letra “V” de “**Vocação**” na sigla PJVR quer dizer que esta é uma pastoral que procura responder ao chamado e à procura que nasce do batismo cristão. Realmente, um sinal do carisma redentorista é ajudar a descobrir a vocação e a encarnar o Evangelho num projeto de vida.

Nesta linha, os Redentoristas são chamados por Deus para exercer seu trabalho missionário. A nossa Regra de vida ilustra, pois, o rosto do verdadeiro Redentorista, a sua vocação, a sua formação, mas também a sua preocupação por ajudar os jovens a discernir a sua vocação. O Redentorista se coloca ao lado dos jovens em perspectiva de anúncio, mas também de escuta. Não se esquece, porém, de que o modo melhor de promover as vocações é a oração, o exemplo de vida e o testemunho fraterno. É mister também ressaltar o fato da comum responsabilidade pela promoção das vocações. Podemos dizer que todos os congregados são animadores vocacionais.

Pietro Sulkowski

Zelo

A palavra ‘zelo’ indica comum entusiasmo, fervor, ardor que impulsiona a esforçar-se por um objetivo ou pela difusão de um ideal. No âmbito cristão, indica o ímpeto e o empenho que leva uma pessoa ou um grupo à glorificação de Deus através do anúncio ou da propagação e difusão de obras.

Esse substantivo, se enquadrado no âmbito redentorista, colore-se de um matiz todo particular. Com efeito, no século XIX, quando Santo Afonso foi declarado Doutor da Igreja, foi-lhe atribuído o apelativo de “Doutor Zelantíssimo”, indicando assim o que mais que tudo distinguiu a sua existência, a saber, o anseio missionário, o anúncio da boa nova.

Em seus escritos, esse termo aparece muitas vezes, pois ele quis que os seus missionários fossem preparados mas sobretudo zelosos. E quando morreu o papa Clemente XIV em 1774, consultado pelo cardeal Castelli, sobre as qualidades que o novo bispo de Roma deveria possuir, Afonso assim escrevia: «E por isso é preciso rezar para que Jesus Cristo nos dê um Chefe da Igreja, o qual, mais que de doutrina e de prudência humana, seja dotado de espírito e de zelo pela honra de Deus, seja totalmente desapegado de todo partido e respeito humano; porque se jamais, para a nossa desgraça, sucedesse um Papa que não tem somente a glória de Deus ante os olhos, o Senhor pouco o assistirá, e as coisas, como estão nas presentes circunstâncias, irão de mal a pior » (*Cartas*, II, 307).

Com essa sua particularíssima sensibilidade, ele desejava que o missionário redentorista consumisse todas as suas energias intelectuais e físicas para fazer chegar a todos os homens o anúncio da copiosa redenção que nos foi dada por Cristo.

As próprias Constituições da Congregação incentivam os congregados a serem ardentes no zelo apostólico (*Constituição*, n. 20), porquanto «toda a espécie de pobreza – material, moral e espiritual – deve solicitar seu zelo apostólico» (*Estatuto*, n. 044).

Francesco Ansalone

Zenão Kovalyk

Sacerdote, nasceu no dia 18 de agosto de 1903 em Ivatsciv Horiscnij (Ternopil). Entrou na Congregação do Santíssimo Redentor, emitindo os votos religiosos no dia 28 de agosto de 1926. Completados os estudos de filosofia e teologia na Bélgica, foi ordenado sacerdote no dia 9 de agosto de 1932. Então começou a exercer o apostolado missionário entre os ortodoxos em Volynia. Enviado a Lviv, foi nomeado ecônomo da comunidade e da metrópolia de Lviv.

Preso pelos soviéticos no dia 20 de dezembro de 1940, sofreu torturas e brutais interrogatórios. Quando, no dia 29 de junho de 1941, a cidade de Lviv foi tomada pelas tropas alemãs e foram abertas as prisões soviéticas, o Beato foi encontrado crucificado na parede do corredor da prisão de Brihidchy.

Missal redentorista